



Sistema **OCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 16 • SET./OUT. 2014

SABER COOPERAR

A REVISTA DO COOPERATIVISMO

EM ALTA

**COOPERATIVAS DE CRÉDITO SE PROFISSIONALIZAM
E REGISTRAM CRESCIMENTO MAIOR DO QUE OS
BANCOS TRADICIONAIS**



COOPERANDO

REPRESENTANTES DA OCPLP
ELOGIAM ESTRUTURA DAS
INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

BEM-ESTAR

AGRICULTURA ORGÂNICA SE
EXPANDE NO COOPERATIVISMO
E CONQUISTA PÚBLICO

2015

Um
NOVO ANO
e muitos DESAFIOS

*Os planos já foram traçados. E para nos ajudar a escrever
essa história de cooperação, convidamos você, que é um grande
aliado do movimento cooperativista brasileiro.*

Renovação a todo momento

Entre as palavras que definem com precisão de joalheiro a alma do cooperativismo, credibilidade salta à frente como um conceito cada vez mais assimilado pela sociedade. Ser cooperativista pressupõe fazer-se acreditar por meio de ações construtivas - e, não por acaso, o crédito, área pautada pela transparência e pelo profissionalismo, desponta como um dos ramos em franco crescimento no setor.

Os dados não deixam dúvidas, conforme você vai ver na matéria de capa desta edição. Nos últimos cinco anos, o indicador de captação de depósitos cresceu nove vezes mais que o índice apurado nos bancos comerciais. Ponto para as cooperativas do ramo, que acenam com perspectivas de crescimento maiores a cada dia e, consequentemente, somam resultados ao aprimoramento da qualidade de vida do cooperado e da comunidade.

Assim como o crédito, outros ramos consolidam o cooperativismo como uma opção acertada. Neste número, a *Saber Cooperar* dá sequência à reportagem da edição anterior, que aborda os desafios da governança e da melhor gestão. Cooperativas agropecuárias e de eletrificação despontam como exemplos de atuações bem-sucedidas na busca constante pelo posicionamento, num cenário marcado por intensa competitividade.

No fechamento de mais um ano de trabalho, o saldo positivo sinaliza que, principalmente diante dos bons resultados aferidos, sempre há muito a fazer. Duas matérias especiais destacam que a vivência cooperativista se desdobra em engajamento constante. É o que comprova a personagem desta edição, a advogada Maria Henriqueta

de Magalhães, do alto de uma vasta experiência de quem acompanhou o crescimento da Unimed do Brasil, onde hoje ocupa um cargo de grande responsabilidade.

Excelência se conquista a partir de um trabalho que deve começar cedo, ensina a Dra. Maria Henriqueta. Assim acontece no interior do Espírito Santo, onde a formação de jovens lideranças no movimento cooperativista revela que aprender e renovar são práticas permanentes do setor. O show não pode parar.

Boa leitura e feliz ano novo. Que 2015 contemple mais conquistas conjuntas.

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB





Sistema OCB

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 16 • SET./OUT. 2014
ISSN 2317-5109

CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Denísio Augusto Liberato Delfino – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Ana Maria Vieira dos Santos Neto Xavier

Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

REPRESENTANTES DA OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

CONSELHO FISCAL

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrijo Primo – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

André Pimentel Pontes – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampin – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

Gilcimar Barros Pureza – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasini – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Renato Nobile – Superintendente

Gerência Geral OCB

Tânia Zanella

Gerência Geral SESCOOP

Karla Oliveira

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** - órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** - entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** - integrante do “Sistema S”, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



Gerência de Comunicação

Daniela Lemke

Conselho Editorial

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria Helena Varnier Manhães, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Gabriela Prado (DRT/DF-6882)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final
Grupo Informe - Comunicação Integrada

Edição

Chico Neto
com Gabriela Prado

Reportagem

Ana Cristina Vilela, Dijanira Goulart e Viviane Marques

Diagramação

Vanessa Farias

Versão digital

Diego Soares

Fotografia

Flora Egécia

Capa / Ilustração

Luciana Bastos

Revisão

Beth Nardelli

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica Brasil

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco 'T' • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936

06

CONEXÃO COOPERATIVA

Em destaque, os comentários de lideranças e personalidades do meio cooperativista



08

ENTREVISTA

As ferramentas de comunicação devem ser aprimoradas, defende José Luiz Tejon, dirigente do Núcleo de Agronegócio da ESPM

14

CAPA

Contribuindo para a inclusão financeira de milhões de brasileiros, cooperativas de crédito apostam na profissionalização



SUMÁRIO



22

ESPECIAL

Cooperativas de eletrificação e saúde entram no ranking das melhores do ano

26

BOAS PRÁTICAS

Em Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo, lideranças jovens fortalecem o trabalho e renovam as metas das cooperativas

30

NOSSO BRASIL

Sicoob Cerdipajeú amplia sua atuação em Pernambuco, tornando-se a maior cooperativa do ramo no Nordeste

34

GOVERNANÇA

Série iniciada na última edição mostra avanços das cooperativas agropecuárias e de eletrificação, em busca de competitividade

38

PERSONAGEM

Maria Henriqueta de Magalhães acompanhou, desde o início, a trajetória da Unimed do Brasil, hoje uma referência

42

BEM-ESTAR

Ao preservar o meio ambiente, agricultura orgânica aprimora qualidade de vida e ganha cada vez mais adeptos



46

COOPERANDO

Organização das Cooperativas dos Povos de Língua Portuguesa se reúne em Brasília, sob a presidência de Márcio Lopes de Freitas



50

ARTIGO

Veja a transcrição da palestra de Eugênio Mussak, médico e professor da FIA, sobre inteligência e comunicação

52

FIQUE DE OLHO

Acompanhe os eventos e fatos de repercussão realizados pelas cooperativas de diferentes regiões do país

54

MEMÓRIAS

Roberto Rodrigues relata um episódio que destaca o poder da atitude cooperativista para realizar sonhos



“A riqueza está cada vez mais concentrada em um número menor de pessoas e as cooperativas têm soluções para isso, pois têm uma forma mais justa de distribuir essa renda, criam mais empregos. O que está comprovado é que os empregos criados são mais sustentáveis, mais decentes e, portanto, temos todas as condições de ter um papel mais ativo na economia mundial.”

RODRIGO GOUVEIA,
diretor de Política Internacional da Aliança Cooperativa Internacional (ACI)

“A chave para a busca da melhoria contínua é, sem dúvida, a educação. É esse o segredo para o sucesso do cooperativismo, educar o quadro social sobre o que é cooperar e inserir os jovens no processo.”

CLAUDE-ANDRE GUILLOTTE,
diretor do Instituto de Pesquisa e Educação para Cooperativas da Universidade de Sherbrooke (Canadá)

“Com a mudança na composição do Congresso, haverá ajustes e novas adesões, mas o que importa é o comprometimento do parlamentar com o cooperativismo.”

OSMAR SERRAGLIO,
presidente da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop)

“O ato cooperativo é a alma do cooperativismo. É, em essência, o ato pelo qual a cooperativa faz a inclusão socioeconômica de seu cooperado em um determinado ambiente econômico, condizente com o objeto social da cooperativa.”

JOÃO MUZZI FILHO,
consultor jurídico do Sistema OCB

“

Este prêmio com certeza nos dará ainda mais força, mais disponibilidade, mais vontade de continuar investindo e cooperando não só internamente, mas também com a comunidade.”

OSNI ROMAN,
presidente da Coopercarga, primeiro lugar da categoria Cooperativa Cidadã do 9º Prêmio Cooperativa do Ano



“ *O cooperativismo é onde produtividade e pessoas que querem melhorar de vida se encontram. É uma ferramenta de desenvolvimento e a sociedade deve saber disso.* ”

THIAGO DE ARAGÃO,
sociólogo e membro do Movimento Novos Líderes, pesquisador do Centro de Política Externa (Inglaterra) e do Instituto de Relações Internacionais e Estratégias (França)

“ *O cooperativismo requer pessoas cada vez mais capacitadas para exercer suas funções. E as mulheres têm colaborado muito para isso.* ”

ILANA OLIVEIRA,
gerente de Formação Profissional do Sescoop/CE

“ *Quando nos doamos, mostramos a essência do cooperativismo.* ”

ISABEL MACHADO,
presidente da Fundação Aury Luiz Bodanese



Pela interação cooperativista

José Luiz Tejon Megido, dirigente do Núcleo de Agronegócio da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e diretor vice-presidente de Comunicação do Conselho Científico para a Agricultura Sustentável (CAAS), destaca a importância da comunicação cooperativista e do marketing rural na esfera das cooperativas e aborda o conceito de agrossociedade, uma estrutura em que a cidade e o campo estarão em permanente interação. Tejon defende o aprimoramento de todas as ferramentas de comunicação para que se compreenda a “governança das redes sociais”, o que pressupõe um trabalho amplo e estratégico a ser empreendido em nível global.

O cooperativismo se funda na cooperação, para a qual a comunicação é essencial. Como fortalecer essa característica?

Não apenas o cooperativismo precisa tratar a comunicação como essencial. Este é um gigantesco desafio em qualquer atividade e um ponto fraco do sistema do agronegócio brasileiro. Criamos agora, na ESPM, o conceito de agrossociedade, em que não importa mais falar apenas dos aspectos das cadeias de valor do *agribusiness*, de sua importância econômica e financeira, ou da questão da tecnologia e da própria sustentabilidade. Precisamos espalhar essas fronteiras e integrar totalmente os conceitos de campo com cidade. Uma megalópole como São Paulo é inviável no futuro sem um repensar da natureza e da agricultura dentro do seu espaço. Não haverá água para isso, saneamento. E sustentabilidade, só do ponto de vista rural, é uma visão pífia, pois o mundo já virou urbano, e onde ainda não é, o será dentro de dez anos. Nesse propósito o cooperativismo é, sem dúvida, o genuíno e legítimo ponto de apoio, concreto, para esse inexorável



O mundo carece de virtudes e de dignidade. O cooperativismo competente e consciente representa isso. ”





futuro, e que pode ser visto como presente em várias regiões onde as cooperativas já exercem esse papel da construção de legítimas e avançadas agrossociedades. A comunicação precisa ser vista sob todos os seus ângulos, da cultura, da arquitetura, da educação, dos produtos, valores, moda, *design* e da viabilidade econômica e financeira em si. Os agentes vitais dessa comunicação são representados pelos líderes. Portanto, os líderes do cooperativismo significam as principais e maiores vozes da sua comunicação.

Como a comunicação deve ser organizada nos níveis interno, entre as cooperativas e, principalmente, entre a cooperativa e o cooperado?

A comunicação do cooperativismo precisa ser holística. Significa ser abrangente a todo o universo, a todo o ambiente na geografia humana onde está presente. Cooperativismo representa valores, educação, consistência e competência na comunicação. Inicia com as crianças. Até os 10 anos de idade, formamos os verdadeiros valores dos adultos. É preciso coragem para tomar o destino nas próprias mãos, a consciência de saber que sozinhos não superamos obstáculos, e que o cooperativismo proativo e protagonista trata da única via poderosa, econômica e humanista para uma sociedade que caminha para os 10 bilhões de habitantes. Por isso, o cerne da comunicação no cooperativismo terá sempre componentes educacionais presentes. E, em paralelo, exige estética, ingredientes do *design*, e arte para dar visibilidade ao invisível.

Quais cuidados devem ser tomados na hora de planejar uma comunicação entre as cooperativas e o mercado consumidor?

A comunicação com o mercado consumidor não pode seguir as mesmas estratégias das empresas não cooperativas. Por trás de cada produto de uma cooperativa existem símbolos, significados, sentidos e valores que estão presentes naquela embalagem, naquele conteúdo. Os produtos de uma cooperativa não são simplesmente *business-to-consumer* (comércio por meio da internet efetuado diretamente entre a empresa vendedora, produtora ou prestadora de serviços e o consumidor final) ou *business-to-business* (comércio de empresa para empresa); são *life to life* - coisas de vidas para vidas. De seres humanos para seres humanos. O lucro com o trabalho embutido em cada produto retorna às mãos de quem trabalhou, preservou, amou e ama o que faz, com a própria vida e da sua família. Um produto de cooperativa, além de ser um exemplo de comprometimento com qualidade e inovação, precisa ser um diálogo de valores. O mundo carece de virtudes e de dignidade. O cooperativismo competente e consciente representa isso.

E com os meios de comunicação de massa?

O movimento cooperativista precisa aprimorar o diálogo entre os grandes dirigentes do cooperativismo e os altos dirigentes das grandes mídias. Precisa desenvolver projetos especiais e institucionais sobre os

valores do cooperativismo, com o apoio e o interesse também institucional das grandes mídias. E, além disso, deve ter um olhar realista para verbas e investimentos, incluindo as mídias segmentadas e a governança das redes sociais. Nesse sentido, recomendaria fortemente um trabalho profissional de monitoramento, diagnóstico e ações de governança das mídias sociais. Importante é que em toda comunicação seja sempre definido o diferencial de um valor de cooperativa. A homeopatia comunicacional bem feita e persistentemente feita, numa visão de longo prazo, será de grande utilidade.

As mídias sociais devem ser usadas em todas as vertentes da comunicação interna e externa? Quais podem ser exploradas e como isso deve ser feito?

Sim, as mídias sociais são essenciais. Mas, hoje, não se trata mais de simplesmente ter *site*, portal, internet, acionar redes sociais. É necessário um trabalho maior, mais estratégico e amplo, chamado "governança de redes sociais". Um exemplo disso é o que a Net.Nexus está fazendo junto à Abag (Associação Brasileira do Agronegócio), atualmente.

O Facebook pode ser uma ferramenta potente na comunicação com os cooperados ou isso depende do segmento cooperativista? Qual tom deve ser tomado: mais pessoal ou informal?

O Facebook é somente mais uma plataforma. Todas devem ser utilizadas, nas suas linguagens e pa-

ra distintas “tribos”, segmentadas. Mas, como insisto, precisa haver um olhar moderno de “governança de redes”. Isso exige *softwares* de monitoramento e pessoal avançado nesse conhecimento – para se ter uma ideia, envolve valores mensais de cerca de R\$ 12 a R\$ 30 mil, dependendo da dimensão da coisa toda.

No ambiente corporativo é importante o uso de vídeos, recursos audiovisuais, infográficos para potencializar a comunicação? Quais as restrições?

Uma das regras atuais, num mundo hiperinterativado e com disputas midiáticas ininterruptas, chama-se: *over communicate*. Quer dizer: comunique, comunique e comunique; monitore e monitore e seja instantâneo nas respostas. E ative, acione e difunda as suas significativas ações o tempo todo.

É importante uma cooperativa ter um veículo próprio de comunicação, seja um jornal impresso ou um site ou blog?

Toda pessoa tem um *blog*, um *site*, um LinkedIn. Imagine uma empresa, uma corporação e então uma cooperativa. São milhares de cooperados, que precisam ter acesso instantâneo às informações. Estar e ter redes sociais, *newsletter*, boletins, isso é coisa básica. Precisa. Mas repito... é essencial estudar o conceito da governança das redes sociais. Isso sim faz a diferença.

Em caso de cenários desfavoráveis, como as crises devem ser gerenciadas? Como a assessoria



Uma sugestão que deixaria seria conectar sempre, em qualquer circunstância, o acesso a qualquer benefício social de governos à existência de filiação a, pelo menos, uma cooperativa de trabalho. Isso contribuiria para desenvolver algum tipo de relação do benefício com trabalho. ”

de comunicação deve agir, tanto interna quanto externamente?

A assessoria de imprensa deve sempre estar ativa, enviando as impressões positivas do negócio, da cooperativa, das iniciativas. Deve construir e ter uma data base de líderes de opinião e de jornalistas para serem acionados nas horas boas e nas horas difíceis. Porém, é importante que as organizações tenham uma verba real para a publicidade paga também.

O marketing rural ganha cada vez mais força, ainda mais em um mercado como o brasileiro, em que prevalece o agronegócio. O que o senhor considera um marketing rural bem feito?

Marketing rural bem feito é o que considera os fundamentos do marketing. Marketing tem fórmula: é um sistema. Exige pesquisa, segmentação, *target* (público-alvo de determinado serviço prestado ou campanha), posicionamento. Suas ferramentas utilizadas em harmonia, produto, preço, ponto de venda, *pricing* (processo de estabelecer preços a partir da consideração de diferentes fatores que regem o mercado), implementações feitas com competência em áreas de vendas bem administradas e sistemas de métricas e de controle. Implica analisar fatores incontrolláveis, conectá-los com os aspectos controláveis da atividade; ativar uma proposta de valor; gerar percepção e patrimônio de marca e controlar tudo isso. Marketing é uma filosofia de administração ampla, total e que envolve todos os membros de uma instituição.



Divulgação



O marketing está restrito às grandes empresas de insumos agrícolas, aos grandes produtores ou ao pequeno produtor? O agricultor familiar também pode fazer a sua parte?

O marketing vai desde o pessoal, o profissional, a micro e pequena empresa até os grandes grupos e, sem dúvida, até o cooperativismo. Do ponto de vista dos agricultores, marketing pra valer precisa ser feito pela cooperativa, pelo associativismo. Isso não impede que uma pequena propriedade se desenvolva, se diferencie, crie produtos, grãos, flores, frutas, hortaliças, animais e busque os próprios clientes, crie seus materiais de divulgação. Conheci em Rondônia um pequeno produtor de pirarucu que trabalha muito bem. Criou o “disk pirarucu”, entrega o peixe na cidade em um sistema de *delivery*, tem qualidade, folhetos, cartão de visita, uniforme etc. Conheço pipoqueiros que se destacam com seus carrinhos de pipoca; produtores rurais com produtos diferenciados, como os derivados de Jersey, por exemplo, em Itu, próximo a São Paulo, e tantos exemplos pelo país. Mas o grande marketing rural exige, de verdade, cooperativismo. Criar marcas poderosas de cooperativas forma patrimônios espetaculares. A Batavo, por exemplo, foi um show de marca de cooperativa. Infelizmente, por circunstâncias da época, terminou vendida para a iniciativa privada. A Aurora - tanto a Aurora Alimentos quanto a vinícola - representa marcas valiosas. Cotia foi uma espetacular marca na sua época. A Coamo é sinônimo de reputação. Cocamar, Agrária,



Hoje, não se trata mais de simplesmente ter site, portal, internet, acionar redes sociais. É necessário um trabalho maior, mais estratégico e amplo, chamado ‘governança de redes sociais’.”

Coopavel; Santa Clara, no Rio Grande do Sul; Cooxupé, no café; Comigo, em Goiás; Cotrijal, um sinônimo de tecnologia; Coopercitrus e tantas outras pelo país. Porém, considero que ainda está faltando ultrapassar as porteiras das fazendas, de forma mais ousada e presente. É preciso conquistar visibilidade e relevância nos meios urbanos brasileiros.

É importante tanto para o pequeno quanto para o grande produtor participar de feiras, eventos, exposições? Como explorar esse nicho?

São formas tradicionais de relacionamento. Tem de participar e levar às feiras a alma do diferencial do que se faz. Vejo em muitas feiras, em regiões de arroz, café, pecuária, frango, suínos, frutas, milho, a ausência do principal, da motivação da coisa. Um verdadeiro show do produto em si, culinária *gourmet*, análise sensorial de alimentos, derivados, processados. As cidades e os eventos precisam viver a cultura dos seus produtos. Por exemplo, a capital nacional do frango precisa ter galletos, *nugets*, cultura de frango, *fast food*, *slow food*, muita coisa, no entorno e dentro da cidade. Assim como é necessário, em cada local desses, em associação com a academia, com as escolas e as universidades; criar, por exemplo, a universidade do frango. Da mesma forma, a do café, a da soja, a do leite etc. Educação e cultura têm de estar presentes nas nossas cidades produtoras.

Falta muito para dizermos que o Brasil tem um marketing rural já massificado? Quais os impasses?

Ainda há tradicionalismo nessa área? Quais os receios?

Temos um bom marketing, do ponto de vista gerencial, por parte das empresas de insumos, máquinas, serviços, bens de produção voltados ao produtor rural. Ou seja, o antes da porteira - defensivos, adubo, sementes, tratores, distribuidores - está num patamar elevado de competência. No entanto, somos tímidos e ainda nada convictos no marketing da produção agropecuária propriamente dita. E as cooperativas seriam os grandes agentes para esse desenvolvimento. E no pós-porteira das fazendas, as agroindústrias, supermercados e processadores precisam atuar muito mais e melhor no marketing reverso. O que falta é assumir o óbvio: convicção gerencial dessa parte administrativa.

O marketing rural deve envolver o governo, as universidades, os agricultores, as empresas? Há como fazer um trabalho em conjunto?

Sim, o novo marketing, o que representa ir além do pós-porteira das fazendas, significa a agrossociedade. E isso feito sob uma filosofia de gestão de biomarketing. Não falamos mais simplesmente de negócios. Falamos da vida - de valores, de humanidade e cidadania. A partir do negócio da natureza, do campo, precisaremos invadir as cidades do mundo. E vem aí a agricultura vertical, a arquitetura da agricultura nas cidades, os agricultores do asfalto, e uma integração cultural, operacional, e política. Os novos governos não serão bem-sucedidos se ignorarem o agrogócio não só como fonte de riqueza,

mas como fator crítico de sucesso sociologicamente falando - agrossociedade. Precisaremos fazer a volta ao campo, o retorno, sucessores e novas gerações no empreendedorismo rural.

O que o senhor espera tanto para o futuro da comunicação cooperativista quanto para o marketing rural?

Para o futuro da comunicação cooperativista, espero que utilizem todas as mídias disponíveis, desde os grandes veículos até a governança das redes sociais e, acima de tudo, que estejam constante e persistentemente vendendo os valores ascendentes do cooperativismo, e que isso seja decisivo na construção de lideranças, de significados e de sentidos de vida para as comunidades cooperadas e para os consumidores desse trabalho e desses valores. Espero que possamos ter, daqui a dez anos, poderosas marcas de cooperativas com grande valor no mercado, não só do consumo, como também nas relações com empresas clientes e como exemplo de valores para a sociedade inteira.

Há como vincular a assistência dada pelos governos aos mais carentes ao cooperativismo?

A humanidade precisará sempre estudar como auxiliar os segmentos carentes e os setores menos vocacionados para empreender. Existem seres humanos que, por vários aspectos, inclusive de educação na infância, têm grandes dificuldades de tomar em suas mãos o destino de suas vidas. Por isso, os programas do

tipo Bolsa Família, Renda Mínima e outros, todos bem intencionados, poderiam e deveriam estar necessariamente associados a ações de cooperativismo. Uma sugestão que deixaria seria conectar sempre, em qualquer circunstância, o acesso a qualquer benefício social de governos à existência de filiação a, pelo menos, uma cooperativa de trabalho. Isso contribuiria para desenvolver algum tipo de relação do benefício com trabalho. Falta mão de obra em muitas áreas no país, e isso não é por falta de gente. Termina por ser um problema darmos peixes em vez de ensinarmos a pescar. As cooperativas de trabalho poderiam ser decisivas na ampliação do êxito das iniciativas assistenciais dos governos.

E quanto às lideranças cooperativistas, qual o grau de importância delas no processo de comunicação e divulgação da cultura do cooperativismo?

Tudo o que conversamos nesta entrevista só será bem-sucedido dependendo da qualidade e da integridade dos líderes das cooperativas, homens e mulheres éticos, de caráter e valerosos. As cooperativas não podem estar a serviço dos cooperados, por incrível que pareça - e, sim, são os cooperados que precisam estar a serviço da cooperativa. Ao cuidar da "galinha dos ovos de ouro", ela dará ovos dourados todos os dias. Os valores do cooperativismo, acima de tudo, não podem ser mutilados por visões distorcidas de assistencialismo ou por interferências políticas, ou mesmo por equívocos de egos. Quer dizer, nada no mundo resiste a erros de liderança. Muito menos uma cooperativa. ■



CAPA

Crédito, um ramo em pleno crescimento



O ramo crédito é um setor que avança a passos largos dentro do cooperativismo brasileiro. Hoje apresenta, na média, um crescimento percentual três vezes superior ao do mercado bancário convencional. Nos últimos cinco anos, em alguns indicadores, como a captação de depósitos, cresceu nove vezes mais que os bancos comerciais. Em relação aos associados, também houve um aumento: dos 3,5 milhões registrados no fim de 2008, o número saltou para 6,6 milhões, no mesmo período de 2013. Os referenciais utilizados para avaliar o cooperativismo de crédito permitem observar uma curva ascendente e sustentável que desenha um futuro promissor.

O ramo funciona como instrumento de inclusão financeira. Com o objetivo de oferecer soluções, as cooperativas de crédito trabalham com a oferta de produtos e serviços voltados às necessidades e condições de seus cooperados. E é com essa dinâmica que, focado na profissionalização da gestão e da governança do cooperativismo de crédito, o Sistema OCB vem promovendo diversas ações de melhorias voltadas ao setor. Entre outras, destacam-se uma divisão clara dos níveis estratégicos e táticos e maior transparência para o quadro social.

Segundo o superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile, o tema governança sempre esteve em evidência dentro do cooperativismo de crédito, sendo prioritária a profissionalização dos gestores das cooperativas. “Tratando-se do crédito, essa necessidade torna-se ainda mais latente, visto que atuamos num nicho extremamente competitivo e altamente regulado”, aponta. “Ao trabalhar com uma nova modelagem, atualizada com base no plano estratégico do Sistema OCB, ressalta-se a responsabilidade do Sistema para com o fomento do ramo. Nossa intenção é estimular a profissionalização do cooperativismo de crédito, para que ele seja reconhecido, dentro do mercado financeiro, por sua competitividade, integridade e transparência.”

Nobile lembra que é importante estimular os cooperados para que eles reconheçam a importância da cooperativa na sua atividade cotidiana, sendo essencial que as instituições tenham dirigentes bem preparados, com foco na gestão profissionalizada e na prestação de serviços com excelência. “Os gestores das cooperativas são representantes dos cooperados. Por isso, devem sempre exaltar a ideia de que juntos so-

A profissionalização da gestão e da governança favorece a inclusão financeira de milhões de pessoas, destacando o cenário cooperativista no Brasil



O ramo crédito favorece a educação financeira e cooperativista de colaboradores, cooperados e dirigentes, fato que reflete de forma positiva para o crescimento econômico e social do país. ”

EVANDRO JACÓ KOTZ,
diretor-executivo da Unicred do Brasil

mos mais e podemos mais. Nós, do Sistema OCB, temos orgulho do cooperativismo de crédito e por isso somos estimulados a trabalhar em benefício do desenvolvimento pleno, consistente e sustentável desse ramo no país.”

INCLUSÃO

O diretor-executivo da Unicred do Brasil, Evandro Jacó Kotz, vê no ramo crédito um papel muito importante e estratégico não só para o próprio sistema cooperativo, mas para a sociedade em geral, devido ao caráter inclusivo que beneficia, principalmente, populações desassistidas pelas instituições financeiras tradicionais. O cooperativismo de crédito, assinala, fomenta o desenvolvimento sustentável das comunidades em que atua, uma vez que os recursos das cooperativas são investidos na própria região. “Hoje, além do desenvolvimento regional, as cooperativas de crédito proporcionam aos cooperados o acesso a produtos e serviços financeiros modernos e seguros, com preços mais competitivos e justos. O ramo crédito favorece a educação financeira e cooperativista de colaboradores, cooperados e dirigentes, fato que reflete de forma positiva para o crescimento econômico e social do país”, explica.

Kotz enfatiza que o desenvolvimento do ramo está relacionado ao trabalho realizado pelo Sistema OCB, que, por meio do Conselho Consultivo de Crédito da Organização das Cooperativas Brasileiras (Ceco), age de forma conjunta com os sistemas cooperativos, a Frente



Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) e o Banco Central do Brasil em busca de melhorias para o ramo, como o aperfeiçoamento do marco regulatório, da eficiência e do ambiente de negócios das cooperativas. Dos avanços registrados nos últimos anos, Kotz destaca a instituição do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop); a elaboração, pelo Banco Central do Brasil, do projeto de pesquisa e da cartilha sobre a governança cooperativa; a criação e estruturação pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) do Programa Nacional de Educação do Crédito Cooperativo (Educred) e do curso de Formação de Conselheiros de Cooperativas de Crédito (Formacred).

Para que o cooperativismo de crédito continue a prosperar, Kotz recomenda que os cooperados acompanhem as ações de sua cooperativa, utilizando-a como principal instituição financeira: “Os associados devem assumir a condição de donos do empreendimento, engajando-se em prol do desenvolvimento sustentável da cooperativa, participando das suas decisões e cobrando dos seus dirigentes a adoção das ações e medidas necessárias para o atendimento completo das necessidades do quadro social”.

Otimista em relação ao cenário, o diretor-executivo da Uniced do Brasil avalia: “É importante a definição das ações estratégicas que irão nortear e estimular esse crescimento nos próximos anos, sempre visando atender de forma completa aos seus cooperados, disponibi-

lizando produtos e serviços competitivos, modernos e seguros. Na mesma linha, espero que o segmento continue contando com o apoio do órgão regulador e dos demais poderes constituídos, de forma que haja um ambiente regulatório e de negócios propício para essa expansão”.

INVESTIMENTOS

A expectativa de Kotz é reforçada pelo presidente do Sicoob, Henrique Castilhanos Vilares, para quem é preciso manter um investimento constante na profissionalização do cooperativismo de crédito com vistas à obtenção de um corpo técnico sólido e sustentável para as cooperativas. “A regulação do Banco Central vem permitindo a contratação de profissionais do mercado e o desenvolvimento das áreas de gestão”, valoriza. “Além do mais, as operações financeiras estão se tornando mais complexas, o que exige dos cooperados e dos conselheiros de administração maior conhecimento técnico e de mercado. Por isso, programas de capacitação e treinamento para o Sistema de Crédito Cooperativo são essenciais, em todos os níveis hierárquicos das cooperativas.”

O Sicoob, desde 2012, trabalha com essas iniciativas de qualificação, investindo no modelo de gestão por competências por meio do Programa de Gestão de Desempenho. No primeiro semestre de 2015, será lançada a Academia Sicoob, um programa de educação corporativa de desenvolvimento contínuo que, por meio de treina-

mentos e cursos técnicos específicos, dá subsídios à profissionalização dos dirigentes e colaboradores.

Para Vilares, o crescimento do cooperativismo de crédito se deve à ampliação da oferta de produtos e serviços a partir da instituição das melhores taxas e tarifas do mercado, o que leva ao aumento do volume de negócios. Mas não é somente diante de resultados animadores que o presidente do Sicoob se sente seguro. Cenários que sinalizem estagnação da economia - o que resulta em inadimplência e diminuição de investimentos por parte da iniciativa privada -, segundo ele, representam um estímulo a mais. “Em momentos de crise, nossa concorrência encolhe a oferta, e esta é a grande oportunidade do cooperativismo de crédito. Por conhecermos bem nossos cooperados, podemos emprestar com maior segurança e crescer nesse ambiente hostil. É nos momentos de crise da economia, enfim, que o cooperativismo cresce e se multiplica”, aponta.





INFLUÊNCIA NACIONAL

Coordenador do Ceco, Celso Regis, diretor da OCB e presidente do Sicredi União Mato Grosso do Sul, lembra que o crédito é um ramo com capilaridade em todos os demais setores de atuação do cooperativismo, em virtude da sua natureza. “Todas as cooperativas têm atividade financeira. Com a profissionalização cada vez maior das cooperativas de crédito e o reco-

nhecimento do mercado de sua importância para o desenvolvimento das comunidades e das pessoas, o ramo terá grandes influências junto a todo o cooperativismo nacional”, afirma.

Entre as melhorias fomentadas no setor, Regis cita os aspectos de profissionalização da gestão: “Acredito que o que empurra as cooperativas de crédito a se aperfeiçoarem cada vez mais são os avanços do marco regulatório, pois fortalecem os princípios de boas práticas

de governança. Além disso, destaco a atuação dos associados, que demandam sempre melhores condições de negócios e competitividade, e também as exigências cada vez maiores do órgão regulador. Tudo isso, além de desenvolver o cooperativismo de crédito, traz confiança e profissionalização para o ramo”.

Ele considera que o principal aspecto a ligar uma pessoa a uma cooperativa de crédito é a confiança - a grande força do modelo coo-

Andréa Marliere



Com a profissionalização cada vez maior das cooperativas de crédito e o reconhecimento do mercado de sua importância para o desenvolvimento das comunidades e das pessoas, o ramo terá grandes influências junto a todo o cooperativismo nacional. ”

CELSO REGIS,
coordenador do Conselho Consultivo de Crédito da
Organização das Cooperativas Brasileiras (Ceco)



perativo de empreendimento. “No mercado financeiro, essa premissa é ainda mais importante, visto que está enraizada na formação do conceito da cooperativa, do desenvolvimento da comunidade e do relacionamento entre as pessoas, pois a cooperativa é feita de gente para gente”, afirma.

Para os próximos anos, Celso Regis diz esperar um forte crescimento no ramo, com a expansão em todas as atividades econômicas, seja no campo ou na cidade. “Acredito que a cooperativa de crédito chegará, a partir de uma melhor educação financeira da sociedade, a um patamar no mercado financeiro brasileiro de mais de dois dígitos do Sistema Financeiro Nacional, e isso em um médio espaço de tempo”.

MELHORIAS

A expectativa é endossada pelo chefe-adjunto do Departamento de Supervisão de Cooperativas e de Instituições Não Bancárias (Desuc, órgão do Banco Central do Brasil), Rodrigo Monteiro, para quem é perceptível, dentro do ramo crédito, a busca por melhorias na estrutura e por ganhos de escala visando consolidar-se com mais eficiência e competitividade no Sistema Financeiro Nacional (SFN). Ele atribui essa evolução a dispositivos contidos na Lei Complementar nº 130/2009, que normatiza o reconhecimento do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo: “Em relação aos avanços ocorridos no cooperativismo de crédito, destaco, após a Lei Complementar nº 130/2009, a criação

do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop), que veio eliminar uma assimetria existente entre os clientes/cotistas das cooperativas de crédito e os clientes das demais instituições financeiras. Considero o FGCoop um marco que impulsionará o crescimento e a competitividade do cooperativismo no SFN”.

A legislação, de acordo com Monteiro, também permitiu aprimorar disposições referentes à governança. “A gestão segregada do conselho de administração e da diretoria executiva, que ocorre em determinadas situações, foi um passo importante para melhorar a atuação do corpo diretivo das cooperativas de crédito, favorecendo o profissionalismo nas instituições. Mas ainda há espaço para avançar nos aspectos referentes à participação, à educação financeira do associado e à transparência da gestão”, complementa.

A perspectiva de Rodrigo Monteiro para o setor nos próximos anos é de crescimento e competitividade, decorrentes do ganho de escala e da redução do custo de observância, não só no campo do aprimoramento regulamentar como no próprio Sistema. Tais ações, segundo ele, devem contemplar modernização e compartilhamento tecnológico, fortalecendo as estruturas de controle e gerenciamento, além de promover avanços nas questões de governança, incluindo educação financeira, transparência e gestão profissional.

Dessa forma, o ramo crédito se revela fundamental para o crescimento sustentável do sistema coo-

perativo, pois assegura a oferta de produtos e serviços financeiros de maneira organizada, abrangente e com custo menor às comunidades cooperativas. Assim avalia o chefe-adjunto de Unidade do Departamento de Supervisão de Cooperativas e de Instituições Não Bancárias (Desuc) do Banco Central do Brasil, Cláudio Filgueiras. “O papel das cooperativas de crédito, enquanto agentes financeiros de recursos e linhas de crédito dos grandes bancos e de instituições financeiras de desenvolvimento, tem sido essencial no financiamento da produção e dos serviços ao longo da cadeia do cooperativismo”, observa. “O ramo tem se mostrado um importante veículo de inclusão financeira, pois permite que o crédito e outros serviços financeiros cheguem até regiões carentes da oferta desses produtos.”

GOVERNANÇA

Filgueiras recomenda aos cooperados do setor que continuem fortalecendo o seu papel como sus-





tentáculo do desenvolvimento do cooperativismo e se mantenham firmes na missão de promover a inclusão financeira. “É fundamental, para o ramo, a consolidação de estruturas com boa governança nas instituições. A esse respeito, sugiro aos cooperados a leitura da cartilha *Fortalecimento da Governança Cooperativa no Brasil*, que traz os resultados da pesquisa de governança em cooperativas de crédito de 2013 e 2014.”

Uma novidade para o ramo é que o Sistema OCB lançou, este ano, uma importante ferramenta - o Formacred, que traz material atualizado para aprimorar as competências dos membros dos órgãos estatutários das cooperativas de crédito. “Sob a perspectiva de mercado, o Sistema OCB tem buscado, por diversas frentes, que as cooperativas sejam autorizadas a operar integralmente todos os produtos e serviços hoje disponíveis para o mercado bancário convencional”, valoriza Renato Nobile. “No campo normativo, podemos citar a atuação permanente, em conjunto com o Banco Central do Brasil, para a criação de arcabouço normativo condizente com a realidade das cooperativas, sem gerar entraves e impulsionando cada vez mais o nosso crescimento.”

Divulgação



Considero o FGCoop um marco que impulsionará o crescimento e a competitividade do cooperativismo no Sistema Financeiro Nacional. ”

RODRIGO MONTEIRO (D),
chefe-adjunto do Desuc:



UMA DATA QUE NÃO PASSA EM BRANCO

Comemorado em todo o planeta, o Dia Internacional do Cooperativismo de Crédito (DICC) é celebrado anualmente na terceira quinta-feira do mês de outubro. A data exalta o fato de que, atualmente, o cooperativismo de crédito faz parte do dia a dia de milhões de pessoas. “Por ser uma ação mundial, o Dia Internacional do Cooperativismo de Crédito favorece uma visibilidade maior do ramo crédito para a sociedade”, resume Renato Nobile.

“A data é muito especial, não só para relembrar e homenagear todas as pessoas que dedicaram e dedicam suas vidas à causa, à promoção e ao desenvolvimento do cooperativismo, mas também para celebrar os avanços e êxitos já alcançados, os benefícios e resultados gerados pelo segmento e para promover ações que visem à difusão dos princípios cooperativistas”, avalia Evandro Jacó Kotz. “Considero um momento para que o próprio sistema discuta os caminhos a serem trilhados na construção de um cooperativismo forte e sustentável”, complementa Cláudio Filgueiras. ■

SAIBA MAIS

1

A cartilha *Fortalecimento da Governança Cooperativa no Brasil*, divulgada durante o VI Fórum Banco Central sobre Inclusão Financeira, está disponível para consulta no endereço eletrônico: www.bcb.gov.br/pec/appron/apres/pesquisa_governanca_2013_2014_internet.pdf

2

O *Manual de Boas Práticas de Governança*, voltado especificamente para o ramo crédito, está sendo atualizado. Criada em 2013 por meio de parceria entre o Sistema OCB e o Banco Central, a publicação tem sido remodelada a partir de aplicação de questionários e de um trabalho de sensibilização que envolve todo o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC).

3

Ciente da importância do processo de profissionalização e espelhando-se nas iniciativas direcionadas às cooperativas de crédito, o Sistema OCB desenvolve, paralelamente, um manual voltado para a adoção de boas práticas de governança para todos os ramos do cooperativismo brasileiro. A publicação deve ser lançada no próximo ano.





Cooperativas com desempenho em alta

Instituições dos ramos de saúde e infraestrutura despontam nos rankings das melhores do ano elaborados por agências reguladoras



Para isso, investimos no bom relacionamento pessoal tanto com os usuários quanto com os prestadores de serviços e colaboradores. ”

MAGALI DE FREITAS MACIEL,
presidente da Uniodonto Juiz de Fora

No fechamento do ano, mais uma conquista destaca a atuação cooperativista no país. O gol é de cooperativas dos ramos saúde e infraestrutura, respectivamente avaliadas e classificadas para os rankings das melhores instituições brasileiras elaborados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) - que instituiu o Prêmio Índice Aneel de Satisfação do Consumidor 2014 (Iasc).

No primeiro caso, foram analisadas 1,2 mil operadoras de planos de saúde, cooperativas ou não, a partir do resultado do programa de Qualificação das Operadoras 2014, ano-base 2013. Entre os dez primeiros colocados, seis são cooperativas. O objetivo do estudo é conferir maior transparência, facilitar

a escolha do consumidor sobre o plano que irá contratar ou possibilitar o acompanhamento e a fiscalização dos serviços já contratados.

A base para a pesquisa é o Índice de Desempenho da Saúde Suplementar (IDSS), conhecido como a “nota” das operadoras, a qual varia de zero a 1. Este índice considera os dados disponíveis nos sistemas da ANS para análise em quatro dimensões: atenção à saúde (que tem o maior peso, com 40% do valor de avaliação); econômico-financeira (20%); estrutura e operação (20%); e satisfação dos beneficiários (20%).

A média do IDSS das cooperativas médicas foi 0,737, rendimento bem superior quando comparado às demais operadoras médicas (autogestão, medicina de grupo, filantropia e seguradora especializada em saúde), que tiveram média de 0,639. A diferença entre a

média das cooperativas odontológicas e a das operadoras classificadas como de odontologia de grupo foi ainda maior: 0,728 das cooperativas contra 0,587 das demais operadoras odontológicas.

MG EM DESTAQUE

O primeiro lugar do ranking da saúde foi para a mineira Unimed Vale do Carangola Cooperativa de Trabalho Médico Ltda. Segundo José Ricardo Souza de Andrade, presidente da cooperativa, o empenho de todos os colaboradores, dos funcionários e dos cooperados, em um trabalho de equipe, é o que levou a instituição a alcançar esta vitória. “Vejo como estímulo para continuar o trabalho”, declarou. Outro ponto importante é o comprometimento dos funcionários e cooperados no atendimento ao público.

Os critérios de gestão, explica ele, vão surgindo ao longo do ano. O importante é que todos os impasses sejam resolvidos em tempo hábil. “Você vai tentando se adequar e conduzir da melhor forma possível”, relata, lembrando que o segmento de saúde suplementar ainda tem muitos desafios a vencer, em especial no segmento das operadoras de pequeno porte.

Outra cooperativa mineira marcou boa classificação no ranking da ANS: a Uniodonto Juiz de Fora, que ficou com o terceiro lugar. A instituição faz parte do Sistema Nacional Uniodonto e está há 18 anos no mercado. Segundo sua presidente, Magali de Freitas Maciel, a classificação é resultado do trabalho para melhorar a prestação de

serviços aos seus beneficiários e, também, do relacionamento com os cooperados.

“Para isso, investimos no bom relacionamento pessoal tanto com os usuários quanto com os prestadores de serviços e colaboradores”, conta. “A Uniodonto Juiz de Fora entende que uma parceria de sucesso é feita quando os dois lados ganham: ganha o cliente que é bem atendido e tem seus problemas resolvidos e ganha o profissional que tem sua agenda preenchida com clientes satisfeitos”.

A atenção básica à saúde bucal, um dos itens em que a Uniodonto Juiz de Fora obteve nota máxima, é vista como a base para o sucesso de todo o tratamento. Dessa forma, a operadora incentiva os profissionais a fazer os procedimentos de prevenção à saúde bucal, realiza palestras destacando medidas preventivas ao câncer de boca e sobre a manutenção da qualidade de vida, sob a ótica da odontologia, além de distribuir folders de incentivo aos cuidados bucais.

Outro quesito avaliado se baseia na satisfação do cliente. “A cooperativa se dedica a ouvir o usuário sobre as suas necessidades e se empenha na resolutividade de suas demandas. É disponibilizado um setor de ouvidoria para que as sugestões e as necessidades sejam recebidas e retornadas no menor tempo possível”, esclarece a presidente da instituição.

“Nossa cooperativa também recebeu este ano o prêmio Top of Mind 2014, por ser o plano odontológico mais lembrado pela população de Juiz de Fora”, come-

mora Magali. Para ela, estar entre as 10 melhores operadoras de planos de saúde do Brasil é um reconhecimento de toda a dedicação e trabalho de sua diretoria, colaboradores e prestadores de serviço. “Esta é a prova de que estamos no caminho certo”, diz.

PERMISSIONÁRIAS PREMIADAS

Pela primeira vez, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) incluiu as cooperativas permissionárias no ranking do Prêmio Índice Aneel de Satisfação do Consumidor (IASC), divulgado em novembro. E o resultado não surpreendeu quem já conhece o trabalho desenvolvido por essas instituições: o índice foi maior do que o das concessionárias. A que ficou em primeiro lugar foi a Cermisões, de Caibaté, no Rio Grande do Sul, com nota 91,27. Diamantino Márcio dos Santos, presidente da cooperativa, diz que o resultado é desafiador.

“Receber a nota mais alta, ao lado de tantas outras cooperativas, é sinal do compromisso que temos em prestar um serviço de qualidade, independentemente das turbulências do setor. A partir de agora, temos a missão de trabalhar com mais vontade para, no ano que vem, estarmos neste prêmio novamente”, comenta.

O presidente da Confederação das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop), Jânio Stefanello, ressalta que 53% das cooperativas listadas obtiveram a classificação excelente. Já entre as concessionárias, o índice desse conceito foi de ape-



Elséu Freitas

Jânio Stefanello, presidente da Infracoop



Quanto menores as empresas, maiores e melhores são os índices de qualidade na prestação de serviços.

nas 13%. “A partir daí, concluímos que quanto menores as empresas, maiores e melhores são os índices de qualidade na prestação dos serviços”, avalia Stefanello.

O Iasc, realizado anualmente pela Aneel desde 2000, é o resultado da pesquisa junto ao consumidor residencial. Avalia o grau de satisfação com os serviços prestados pelas distribuidoras de energia elétrica. Ao todo, mais de 25 mil consumidores residenciais, em 537 municípios, avaliaram 63 concessionárias e 38 permissionárias de distribuição, entre julho e setembro de 2014.

O objetivo é estimular a melhoria da prestação de serviços de energia elétrica. No total, nove cooperativas obtiveram o conceito excelente na categoria até 10 mil unidades consumidoras (UCs). Outras 11 obtiveram o mesmo conceito, mas na categoria acima de 10 mil consumidores. Ao todo, 14 cooperativas obtiveram uma nota superior a 85 pontos, ficando à frente

de todos os outros agentes do setor elétrico.

O cooperativismo tem o que comemorar, atenta o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “O bom desempenho no ranking da saúde reflete o trabalho desenvolvido pelas cooperativas do ramo, que correspondem a 32% das operadoras em atividade no Brasil e que, em 2013, movimentaram R\$ 38 bilhões”, cita, lembrando que, atualmente, as cooperativas médicas representam 40% de atuação no setor, fato consolidado pelos 20 milhões de usuários dessas instituições registrados no Brasil.

Com o mesmo entusiasmo ele avalia os resultados obtidos no Prêmio Índice Aneel de Satisfação ao Consumidor 2014. “Sabemos o quanto os gestores dessas cooperativas têm atuado de forma a mitigar as dificuldades regulatórias do setor e garantir mais e mais qualidade na prestação de seus serviços”, enaltece. ■

RANKING DA SAÚDE

1º

Unimed Vale do Carangola
Cooperativa de Trabalho Médico Ltda

2º

Unimed Metropolitana do Agreste -
Cooperativa de Trabalho Médico

3º

Uniodonto Juiz de Fora Soc. Coop.
Trab. Odontológico Ltda

4º

Uniodonto Sul Capixaba Cooperativa
Odontológica

5º

Conferência São José do Avai

6º

Uniodonto Cooperativa Odontológica
do Seridó Ltda

7º

Associação de Assistência à Saúde da
Amagis

8º

Vip Assistência Odontológica Ltda.

9º

Uniodonto/Rn - Cooperativa
Odontológica do Rio Grande do Norte

10º

Associação Brasileira de Assistência
Odontológica de Grupo - Dental Med Center



RANKING DAS PERMISSIONÁRIAS ATÉ 10 MIL UCS

3º

Coopermila

15º

Ceral DIS

6º

Certrel

16º

Cergapa

7º

Coopercocal

18º

Cerpalo

10º

Cejama

20º

Ceral Anitápolis

13º

Cergal

RANKING DAS PERMISSIONÁRIAS ACIMA DE 10 MIL UCS

1º

Cermissões

11º

Cersul

2º

Ceriluz

12º

Cermoful

4º

Cergal

14º

Certel Energia

5º

Creluz-D

17º

Cerbranorte

8º

Coopera

19º

Ceprag

9º

Coprel





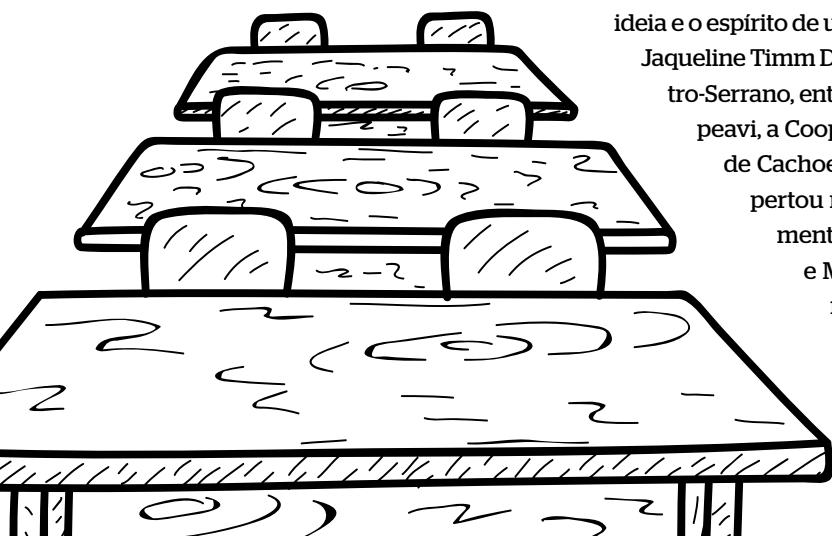
Dá gosto cooperar

Criado há dois anos, o Programa de Formação de Jovens Lideranças Cooperativistas fortalece a prática da cooperação entre os moradores de Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo

Em 2012, uma turma muito animada se uniu com um objetivo nobre: organizar ações voluntárias. O encontro foi em Santa Maria de Jetibá, cidade de colonização pomerana, atualmente com 38,3 mil habitantes, incrustada na região serrana do Espírito Santo. Lá, os ex-alunos do Programa de Formação de Jovens Lideranças Cooperativistas (Jovemcoop) criaram o projeto Cooperar, que segue à risca o que diz o Sétimo Princípio do Cooperativismo, conforme disposto no texto da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) no Congresso de Manchester (Inglaterra) de 1995: “As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros”.

A doutrina e a filosofia do Jovemcoop foram fundamentais para que a ideia e o espírito de união surgissem. “O Jovemcoop foi decisivo”, afirma Jaqueline Timm Domingos, gerente de Administração do Sicoob Centro-Serrano, entidade que apoia o projeto em conjunto com a Coopeavi, a Coopetranserrana, a Escola Cooperação e a Uniodonto de Cachoeiro do Itapemirim. “Participar do Jovemcoop despertou muito a vontade de fazer algo pela sociedade”, comenta Simone Holz Loose, assistente de Comunicação e Marketing da Coopeavi e ex-aluna da primeira turma do Jovemcoop local.

A opinião é compartilhada por Suely Dettmann Candeia, presidente do Comitê de Jo-





Simone Loose, da Coopeavi (E), com a presidente do Comitê de Jovens Lideranças Cooperativistas, Suely Candeia, e Jaqueline Domingos, do Sicoob Centro-Serrano



Participar do JovemCoop despertou muito a vontade de fazer algo pela sociedade. ”

SIMONE HOLZ LOOSE,
assistente de Comunicação e Marketing da Coopeavi

vens Lideranças Cooperativistas de Santa Maria de Jetibá, composto por ex-alunos do programa. O próprio comitê, que continua em pleno funcionamento, surgiu como trabalho aplicativo de final de curso com o objetivo de dar continuidade a todos os projetos apresentados para a conclusão das aulas.

Mesmo com reuniões semanais, o grupo percebeu que as ações programadas não eram postas em prática. Apenas uma, para arrecadar livros, deu frutos. Aconteceu no início de 2012. “Foi uma motivação, com certeza”, rememoram Suely e Simone. Veio, enfim, a reunião que foi a grande motivadora, já realizada com os presidentes das quatro cooperativas que apoiaram o projeto desde o princípio. Para a surpresa de todos, das várias ações apresentadas, nenhuma foi rejeitada pelos representantes das instituições. Assim, o Cooperar tornou-se uma grande ação global.

CAMPANHAS

A primeira edição do projeto Cooperar, em 7 de julho de 2012, teve como tema o Ano Internacional das Cooperativas e foi divulgada por meio de uma grande campanha de conscientização de trânsito. Promovido no Pátio de Festas da cidade, o evento contou com 11 estandes e teve, entre os destaques, a participação de bombeiros voluntários de Santa Maria de Jetibá. Entre as atividades, houve palestra sobre câncer de mama proferida por representantes da Associação Feminina de Combate ao Câncer (Afecc), ações de educação cooperativista promovidas pelo Sistema OCB/ES e por integrantes do Jovemcoop, exames básicos de saúde realizados pela Unimed, orientação sobre higiene bucal proporcionada pela Uniodonto de Cachoeiro de Itapemirim e mutirões de serviços de bem-estar pessoal, como corte de cabelo, manicure, pedicuro, ma-



quiagem e massagem.

Também fizeram sucesso, na esteira do Cooperar, duas ações que movimentaram o público infantil. A primeira foi uma campanha da Escola de 1º Grau Gomes Cardim, de Vitória, que divulgou a importância do recolhimento e reciclagem de lixo eletrônico e conseguiu encher a caçamba de um caminhão-baú com o material, que, em sua maioria, pôde ser reaproveitado. A segunda foi uma tarde de recreação onde todos se divertiram com pula-pula, escalada em parede e pintura de rosto, entre outras brincadeiras.

Cada cooperativa apoiadora teve um estande e uma ação à parte. O Sicoob ministrou educação financeira, com distribuição de planilha de controle e teatrinho de bonecos sobre poupança. A Coopeavi falou de segurança alimentar. Já Coopetranserrana levou um simulador de colisão a 10 km/h para conscientizar sobre cuidados no trânsito, enquanto a Cooperação movimentou os participantes com jogos e atividades físicas. Foram aproximadamente 200 voluntários e cerca de 1,7 mil pessoas atendidas.

Já em 2013, o tema foi o Ano Internacional de Cooperação pela Água, e o Cooperar começou com uma grande pedalada em 6 de julho, Dia Internacional do Cooperativismo, seguindo depois para o Pátio de Festas. No lugar da palestra sobre câncer de mama, houve explanação sobre meio ambiente e cooperação.

No teatro de fantoches, serviram de temática a poupança cooperada e conscientização do uso da água. O manejo de recursos hídricos também foi enfatizado pela

Coopeavi, que abordou o uso consciente da água na agricultura; pela Coopetranserrana, que discorreu sobre lavagem de veículos a seco, e pela Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan), que apresentou um painel sobre a utilização racional da água no cotidiano das pessoas. Ainda na esfera de sustentabilidade, o Centro Educacional da Região Serrana/Faculdade da Região Serrana (Farese/Ceres) levou representantes que falaram sobre educação ambiental. O Sicoob apresentou, para debate, o tema “Como os correntistas das instituições financeiras podem contribuir com o meio ambiente?”. Na parte de entretenimento, os alunos da Cooperação fizeram uma apresentação musical. Ao todo, cerca de 240 pessoas trabalharam.

Os custos, em 2012, chegaram a R\$ 30 mil e em 2013, a cerca de R\$ 50 mil. O grande ganho, segundo Simone Loose, da Coopeavi, é sempre do cooperativismo: “As pessoas passam a ver as cooperativas de outra forma, pelo desenvolvimento social”. Adriano Barbosa, presidente da Uniodonto Sul Capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, instituição parceira desde a primeira edição do evento, reforça: “O Cooperar é uma forma de devolver para a sociedade o sucesso que há na cooperativa”.

Ele conta que apenas no primeiro ano mais de 300 crianças participaram das palestras de orientação, com vídeos de animação. Ao final, todos ganharam um kit de higiene bucal. “Não tenho dúvida de que a cooperativa é, hoje, a melhor forma de inclusão social com justiça”, avalia.

SOLIDARIEDADE

No Dia de Cooperar deste ano, o chamado Dia C, a equipe à frente do projeto Cooperar nem titubeou. Uniu forças e trabalhou em comunhão de princípios e ideias. O Dia C é uma iniciativa que, por meio do princípio da intercooperação, enfrenta a força para promover o voluntariado.

Assim, o Cooperar voltou à ideia inicial e, em vez de uma ação global, foi escolhida uma associação para ser ajudada: a Casa Bom Samaritano de Santa Maria de Jetibá. A entidade trata de dependentes químicos, com internação compulsória e capacidade atual para 16 pessoas. Faz parte das diversas atividades dos internos produzir vassouras com garrafas pet recicladas. Por isso, a Escola Cooperação sugeriu logo juntar material por meio de gincana entre as escolas públicas e particulares da cidade. Ao todo, participaram nove instituições, envolvendo 2.040 estudantes.

O sucesso foi total: cinco caminhões-baú lotados com 23 mil garrafas pet. “Eles gastam 22 garrafas por vassoura e nem sequer conseguiam atender à demanda, pois faltava matéria-prima”, explica Suely Candeia. O resultado levou à decisão de fazer dessa uma ação continuada, com coletas nas escolas e em pontos estratégicos.

Com falta de verba para a manutenção e reformas, entre outras tantas necessidades, também foram arrecadados R\$ 10,7 mil a partir de uma campanha com toda a sociedade, dinheiro usado posteriormente para a reforma da cozinha. Em ou-

tra doação, conseguiram-se valores para a compra de uma máquina de lavar roupa e um fogão industriais e um freezer horizontal. Também foram adquiridos kits de higiene bucal e 357 itens de uso pessoal, como roupa de cama, chinelos e toalhas.

Nessa ação pela Casa Bom Samaritano, já marcaram presença os participantes da última turma do Jovemcoop, formada em 30 de outubro deste ano, como Scharles Junior Raasch, funcionário do Sicoob há quase cinco anos, e Isabelly Covre Duque, professora e cooperada há seis. Ambos atuam desde o primeiro Cooperar, antes de ingressarem no Jovemcoop. “Nós nos sentimos comovidos e passamos esse sentimento para os alunos”, diz Isabelly. De acordo com Scharles, colaborar dá prazer, alegria, é uma atitude saudável. “Fomos por vontade própria, não porque somos de uma cooperativa ou algo assim, é uma causa nossa”, pondera.

“O espírito de cooperação nasce dentro da turma do Jovemcoop”, analisa Eniálide Faroni da Silva, que coordena as ações do programa do Sistema OCB/ES com Josiani Correia Mariano. A opinião se justifica pelo próprio conteúdo programático, entre eles as disciplinas Doutrina e filosofia do cooperativismo, Gestão de pessoas, Organização e gestão de processos. Josiani lembra que em 2013, com as tragédias geradas em consequência das chuvas no Sudeste, a turma de São Gabriel da Palha (cidade capixaba distante cerca de 150 km de Santa Maria de Jetibá) tomou a iniciativa. “Arrecadaram alimento, roupas e água. Este ano, fizeram banheiro em uma creche”,

conta. Em Santa Maria de Jetibá, alguns dos projetos de final de curso já foram direcionados para áreas como educação no trânsito e bem-estar no trabalho, entre outras.

PARCERIAS DO BEM

Os parceiros do Cooperar sentem-se muito bem em ajudar. Para o presidente da Escola Cooperação, Maurílio Ramos da Cruz, por exemplo, o 6 de setembro (Dia C) deste ano foi um momento especial: “Dia de celebrar a realização do Sétimo Princípio do Cooperativismo”. Com orgulho, ele relata que, apesar de a escolar ser pequena, com cerca de 13 cooperados e 120 alunos do Ensino Fundamental um e dois e do Ensino Médio, a coleta de garrafas pet foi muito significativa. “Foram em torno de 13 mil unidades, isso porque fizemos antes um trabalho de conscientização. Neste ano, senti um envolvimento ainda maior”, analisa.

Para o presidente da Coopetranserrana, Luis Krauze, atuar nos eventos é uma via de mão dupla, beneficiando também as cooperativas. Para ele, a sociedade passa a conhecer melhor as instituições. “Os colaboradores e os cooperados participam de todas as ações”, orgulha-se o presidente da instituição de transporte escolar e fretamento, que tem 240 cooperados.

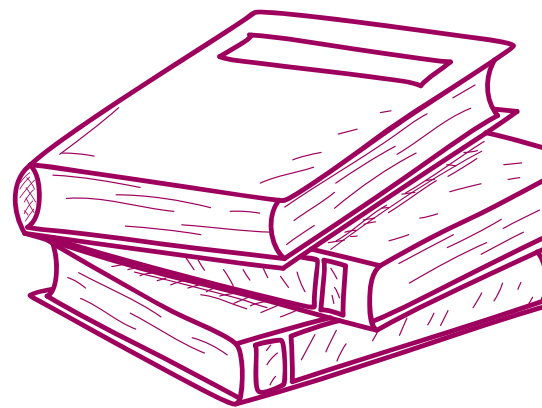
Quem também concorda que as cooperativas ganham muito com as ações solidárias é o presidente da Coopeavi, Argêo João Uliana, para quem as mudanças são sentidas mesmo dentro das instituições. “Os colaboradores come-

çam a se atualizar mais, têm uma vivência maior, trabalham com mais amor, passam a acreditar de fato no sistema”, acredita. Segundo Argêo Uliana, o trabalho social nas comunidades é também um papel das cooperativas e deveria ser até maior do que o usual. O presidente do Sistema OCB/ES, Estêrlio Sebastião Colnago, também vice-presidente do Sicoob Centro-Serrano, endossa: “As ações devem ser ampliadas, pois, quando você traz a comunidade para perto da cooperativa, a instituição fica mais exposta, é mais cobrada, tem de cumprir o seu papel, o seu lado socioambiental”.

Nesse ciclo de positividade e de generosidade, saem vencedores a sociedade, as cooperativas, os voluntários - tanto os colaboradores quanto os cooperados - e, principalmente, o espírito de solidariedade, cada vez mais fortalecido. Não por acaso, Estêrlio Colnago apregoa: “Em Santa Maria de Jetibá, o exercício do Sétimo Princípio do Cooperativismo nasceu efetivamente com o projeto Cooperar”. ■



VEJA MAIS NA
REVISTA DIGITAL





Pujança no sertão

Com presença marcante na região do Alto Pajeú, cooperativa do Sicoob expande sua atuação em Pernambuco



Flora Egécia

Evaldo Campos, presidente do Conselho de Administração do Sicoob: vivência no sistema financeiro ajudou a fortalecer bases cooperativistas

Quando surgiu, em junho de 2000, desconfiança foi o primeiro ativo que a então Sicoob Credipajeú recebeu da população de São José do Egito, cidade do sertão de Pernambuco que, hoje, tem 32 mil habitantes. A instituição de crédito financeiro precisou, logo de cara, superar a grande resistência dos moradores, que, até então, tinham pouco conhecimento sobre o cooperativismo desse ramo. Atualmente, a recém-renomeada Sicoob Pajeú Agreste é a maior cooperativa do Sicoob do Nordeste.

A primeira agência de atendimento, no centro da cidade, foi inaugurada com móveis doados e apenas cinco funcionários. Além da mobília e da descrença, ficaram para trás os R\$ 10 mil negativos no capital da cooperativa, após um mês de funcionamento. Em setembro deste ano, a instituição contabilizava R\$ 15 milhões de patrimônio e R\$ 6,6 milhões de capital social, com 19,5 mil associados e presença em 13 cidades nos estados de Pernambuco e Paraíba. Além de injetar ânimo na economia local, promove cultura, atividades sociais e solidárias para a população, por meio do Instituto Credipajeú.

A maioria dos 101 associados que fundaram o Sicoob Credipajeú eram produtores rurais, integrantes da Cooperativa de Avicultores e Suinocultores do Alto Pajeú (Copasa). Na ocasião, o grupo convidou para presidir a nova instituição um bancário experiente: Evaldo Campos, aposentado pouco antes como superintendente regional do Banco do Brasil.

SOLIDEZ

Campos continua como presidente do Conselho de Administração e ainda está à frente do Sicoob Central Nordeste, além de integrar o conselho fiscal do Sicoob Confederação. Muito do sucesso da cooperativa está ligado ao seu estilo como gestor: direto, exigente e de pulso firme. Em contrapartida, remuneração e benefícios atraentes, como bolsas de estudos, retêm mão de obra de qualidade. O conhecimento do sistema financeiro ajudou muito a criar bases fortes. “Estamos em uma região pobre e era comum que presidentes de cooperativas recebessem mordomias no lugar de salário. Quando fui convidado, exigi trabalhar de forma remunerada”, lembra, como exemplo da profissionalização que imprimiu desde o início na cooperativa.

Rosana Mercia de Almeida Leite estava entre os cinco funcionários que inauguraram a primeira agência, 14 anos atrás. Conquistas pessoais, profissionais e acadêmicas fazem parte de sua trajetória no Sicoob Pajeú Agreste, de auxiliar contábil a gerente administrativa. Coursou graduação e pós-graduação com apoio da

cooperativa. “O presidente nos incentivava a estudar, e esse investimento em patrimônio intelectual não tem preço”, valoriza, emocionada. “Proporciono qualidade de vida à minha família em uma região pobre, castigada pela seca. Aqui, a gente trabalha com amor. Sou apaixonada pelo cooperativismo.”

A cooperativa segue como braço financeiro da Copasa, mas funcionários públicos e de pequenas empresas têm forte participação no quadro social. “Focamos em credibilidade, profissionalismo e trabalho social. O principal interesse é desenvolver a região para os recursos retornarem”, afirma Campos.

NOVAS CONQUISTAS

Projetos e iniciativas de crescimento são uma constante. A própria mudança no nome da cooperativa, de Sicoob Credipajeú para Sicoob Pajeú Agreste, em 2013, está ligada aos planos de expansão: na época, foi incorporada a cooperativa de serviços financeiros de Gravatá, na Zona da Mata pernambucana, o que resultou na ampliação para além dos domínios sertanejos. Vizinha a ela fica Bezerros, próxima cidade a receber um posto de atendimento ao cooperado (PAC) da cooperativa. A chegada a mais dez cidades está sob a análise do Banco Central.

Para além da ampliação da presença Pernambuco afora, o oferecimento de novos serviços está na mira. Em 2015, a cooperativa deve oferecer aos associados a modalidade de crédito imobiliário e prevê fechar, apenas neste ano, um total de R\$ 2 milhões em empréstimos.

SICOOB PAJEÚ AGRESTE EM NÚMEROS



19,5 mil
cooperados



83
funcionários



14 postos de
atendimento
em 13 cidades
(dois em São José do Egito)



Capital social
R\$ 6,6 milhões

Patrimônio
R\$ 15 milhões

Carteira de crédito
R\$ 42 milhões

Depósitos
R\$ 27 milhões

* Dados de setembro de 2014



Cultura e sociedade

INSTITUTO CREDIPAJEÚ VALORIZA CULTURA LOCAL

O sertão do Rio Pajeú é conhecido como o berço do repente de viola, modalidade artística em que cantadores, com seus instrumentos, improvisam versos sobre costumes e fatos populares, quase sempre de modo irônico e bem-humorado. Preservar essa rica cultura e promover ações beneficentes são atributos do braço sociocultural do Sicoob Pajeú Agreste, o Instituto Credipajeú.

“Aqui fazemos um trabalho social e cultural, cumprindo o Sétimo Princípio do Cooperativismo”, afirma o sócio fundador da cooperativa Adalberto Teixeira, diretor para Assuntos Estratégicos, referindo-se à norma internacional cooperativista segundo a qual os membros das cooperativas devem aprovar políticas especiais com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento sustentável de suas respectivas comunidades.

Por meio do instituto, já foram promovidas seis Minimaratonas do Cooperativismo (evento anual que deu origem ao patrocínio para o corredor egípcioense Jonas Feitosa, o *Capitão*); a Marcha Contra o Crack, que reuniu mais de 10 mil pessoas, em 2011; a campanha de solidariedade às vítimas da enchente na Zona da Mata, em 2010, e o I Festival de Cantadores do Pajeú das Flores, realizado em três cidades, em 2012, com a presença de 24 artistas. Ainda com foco na cultura do repente, a sede



Adalberto Teixeira, do Sicoob Credipajeú



Aqui fazemos um trabalho social e cultural, cumprindo o Sétimo Princípio do Cooperativismo. ”

do instituto recebe, na última quinta-feira de cada mês, o Quintal da Cantoria, com apresentação de dois cantadores convidados e média de 100 espectadores por sessão. “Em outubro tivemos a centésima edição. Vem gente de outras cidades para assistir”, conta Teixeira.

A vedete, no entanto, é a Fábrica de Poesias, capitaneada pelo professor, escritor e poeta Nenem Patriota, sobrinho dos irmãos Lourival *Louro do Pajeú*, Dimas e Otacílio Batista. O curso reúne, semestralmente, 20 alunos para aprender a história da poesia popular, em aulas ricamente detalhadas, permeadas por tiradas cômicas. Para Patriota, o trabalho desenvolvido pelo Instituto Credipajeú resgata tradições e faz novas gerações perpetuarem esse conhecimento. “Um povo que perde sua

identidade cultural perde suas referências. Sinto-me realizado e seguirei na missão de reavivar e brotar potenciais artísticos. Não é um trabalho comum, é sacerdócio de vida”, assinala ele, que ministra palestras por todo o Nordeste, quase sempre sem cobrar nada.

O instituto fica no epicentro cultural de São José do Egito, perto do Sebo Cultural (ver quadro) e do Beco de Laura. Este último, um dos primeiros sítios da cidade, foi restaurado recentemente - as fachadas ganharam cores vivas e nelas foram impressas obras de poetas populares. Na segunda sexta-feira de cada mês, um festival com declamações e barracas lota a estreita rua, cujo nome homenageia uma quituteira das antigas, autora de um doce de leite de sabor inspirador.

Curiosidade

SEBO CULTURAL, UM MAR LITERÁRIO NA CAATINGA

A figura do sertanejo como um forte, para além da interpretação dada por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, poderia ser representada por Antônio Nunes Batista.



Flora Egécia



Uma peça de resistência - e referência - em plena caatinga, o Sebo Cultural, do qual ele é proprietário e único funcionário, reúne quase 10 mil itens. O foco principal está na literatura de cordel e na poesia da região. Mais de 300 autores nordestinos estão representados ali, dividindo espaço com discos de vinil, camisetas com trechos de poemas, CDs e DVDs de declamação, além

de best-sellers e revistas antigas.

Colecionando especialidades e raridades, o Sebo Cultural atrai pesquisadores (e compradores) de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais em busca da obra de mestres da poesia popular, como Antônio Marinho do Nascimento, Rogaciano Leite, Louro do Pajeú e Pinto Velho do Monteiro, entre outros. “Minha loja tem o maior acervo de poesia e cordel do país. Isso chama as pessoas”, diz Batista, sem falsa modéstia.

Com seis anos de atividade, o Sebo Cultural surgiu do tardio interesse dele pela leitura, despertado pela sede literária da esposa, Carmem Roseane. A coleção de livros do casal foi o primeiro acervo da loja. “Eu lia, no máximo, um livro por ano. Tive a maior sorte do mundo de me casar com ela, que lê muito. Comecei a comprar livros e quando vi já tinha mais de 500”, lembra.

Batista vende cerca de 200 cordéis por mês, muitas vezes em eventos culturais da região, como a Feira Literária do Pajeú, realizada em outubro, na vizinha Tuparetama (PE). Recentemente, esteve em Brasília (DF), onde já havia morado por 27 anos, garimpando obras para seu acervo. Já o carro-chefe, as poesias e cordéis, ele busca diretamente com autores e familiares, viajando por toda a região. “Nesta semana consegui três livros de um poeta daqui que vive em Recife, Zelito Nunes. Corro atrás de cada um deles”, conta, orgulhoso, esse Antônio que não é Conselheiro, mas ergueu sua Canudos bibliófila com tanta paixão quanto a do profeta por seu arraial. ■



Pela gestão **nota 10**

Preparar-se para a adaptação a um futuro que se faz cada vez mais presente é o desafio diário vivido pelas cooperativas agropecuárias e de eletrificação



Em sua última edição, a *Saber Cooperar* iniciou uma série sobre os desafios da governança. Neste número, o foco são as cooperativas de eletrificação e agropecuárias. As primeiras, que representam 65 instituições das 128 cadastradas pelo Sistema OCB no ramo infraestrutura distribuídas em autorizadas e permissionárias de serviço público, precisam estar afinadas com as exigências de regulação do setor. As do ramo agropecuário, por sua vez, enfrentam um mercado cada vez mais competitivo, cenário em que precisam, constantemente, aprimorar a profissionalização e a transparência de gestão.

“Nossas cooperativas de eletrificação vivem uma grave crise”, lamenta Edivaldo Del Grande, presidente do Sistema Ocesp. “Infelizmente, os órgãos públicos não entendem as peculiaridades das cooperativas, comparando-as às grandes companhias de energia”, aponta, referindo-se à forma como a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) vem regulando o setor elétrico.

No período de audiências públicas sobre o principal instrumento regulatório, o Sistema OCB alertou sobre a metodologia e os procedimentos necessários para o 1º Ciclo de Revisões Tarifárias Periódicas das Cooperativas. No entanto, quase todas as contribuições foram desconsideradas pela Aneel e a aprovação da nova metodologia, em março de 2013, surtiu efeitos cruéis. Das 38 permissionárias em operação, 28 tiveram que reduzir seus custos operacionais em mais

de 30%. “As cooperativas, que têm compromisso com a prestação de serviços de qualidade aos seus cooperados e clientes, trabalham com déficit financeiro desde a homologação das tarifas, colocando em risco a sua existência”, relata Marco Morato, analista técnico e econômico responsável pelo ramo infraestrutura no Sistema OCB.

CUSTO ALTO

O analista lembra ainda que, por atuarem predominantemente em meio rural, as cooperativas de eletrificação possuem um custo operacional mais alto que o de concessionárias presentes em áreas urbanas: “Essa característica não foi captada pela metodologia de revisão tarifária da Aneel, gerando um alto impacto negativo no resultado financeiro das cooperativas. Há risco de algumas fecharem”, alerta Morato.

Enquanto busca, ao lado da Ocesp e da OCB, mudanças no marco regulatório, a Cooperativa de Energização e de Desenvolvimento do Vale do Mogi (Cervam) autorizada de serviço público, comemora o excelente desempenho operacional, com perdas técnicas anuais de apenas 7,8% da energia distribuída - índice bem abaixo da média nacional de 15%, referentes a falhas no sistema e furtos de energia (*gatos*). “Somos sólidos, com todas as características de uma empresa regulamentada, e equilibrados economicamente”, afirma o presidente da Cervam, Henrique Ribaldo Filho.

Ribaldo assinala que a legisla-

ção deve respeitar a peculiaridade das cooperativas, que são focadas majoritariamente em seus associados e não visam ao lucro financeiro. “O modelo para as cooperativas de eletrificação é economicamente inviável. Elas têm que ter um preço próximo ao da concessionária, e algumas pessoas preferem pagar mais caro para receber um serviço de melhor qualidade”, exemplifica.

Com 3,3 mil cooperados, a Cervam atua em Porto Ferreira, Descalvado, Santa Cruz das Palmeiras, Santa Rita do Passa Quatro, Pirassununga e uma parcela de Aguaí, todos municípios do interior de São Paulo. Além de promover eletrificação rural, a cooperativa disponibiliza sistema de irrigação para vários consumidores e atende a indústrias e clientes de grande porte nos setores cerâmico, moveleiro e de abate de aves.

Para garantir a qualidade do seu serviço, a Cervam busca profissionais experientes seja na área administrativa ou na implantação de linhas e equipamentos no campo. Recentemente, adquiriu um caminhão para operação em linha viva e contratou técnicos especializados nesse tipo de operação. “A capacitação é contínua, promovemos muitos treinamentos com o apoio do Sistema Ocesp”, diz Ribaldo.

Morato reforça que, apesar de contestada pelas cooperativas de eletrificação, a regulação está acelerando a necessidade de aprimoramento da gestão do negócio e do próprio quadro social, da governança e da transparência. “Algumas estão bem avançadas nesse sentido”, aponta.



COMPETITIVIDADE

A busca pela mudança e pela capacitação na gestão é uma adaptação natural ao ambiente no qual as cooperativas estão inseridas. No ramo agropecuário, evoluir tecnicamente e se especializar cada vez mais se torna um princípio obrigatório para que o produtor siga competitivo no mercado.

“Por sua vez, o mercado de insumos e produtos agrícolas segue cada vez mais globalizado e concentrado”, analisa Paulo César Dias, coordenador do ramo agropecuário no Sistema OCB. “Isso demanda ações de capacitação para a evolução dos modelos de gestão e governança, com o intuito de acompanhar essa dinâmica e evoluir de maneira sustentável.”

Com base nesses dados, Dias afirma: “Uma governança moderna, com foco em transparência, torna-se um princípio fundamental para a participação dos cooperados e para irradiar confiança e adesão ao sistema. Outros pontos importantes a serem considerados para o sucesso dos empreendimentos são a profissionalização da gestão em inteligência de mercado, empreendendo modernas técnicas de gestão e negociação, orientação, ganhos de escala, redução dos custos de transação e incremento do poder de negociação”.

Segundo Vitória Drummond, gerente de Acompanhamento de Cooperativas do Sistema Ocemg, uma das ferramentas utilizadas em Minas Gerais para estreitar o relacionamento entre a Organização e as cooperativas são as visitas técni-

cas, nas quais são identificadas demandas de ambas as partes. “A visita possui uma metodologia própria, com coleta de dados e orientações voltadas para o aprimoramento da gestão da cooperativa”, explica.

Das 777 cooperativas registradas em MG, há 199 singulares do ramo agropecuário. Desde 2010, 180 foram visitadas e 176 responderam ao questionário da Ocemg. Entre outros dados, apurou-se que apenas 35% possuem planejamento estratégico, 30% capacitam o conselho fiscal e 16% dispõem de comitê educativo. “São necessidades que as cooperativas do estado têm em comum. Outro ponto percebido foi que é preciso conhecer e avaliar a satisfação do cooperado para a tomada de decisão”, lista a gerente.

As visitas, explica Vitória, servem de base para a realização de uma capacitação mais assertiva, com cursos e produtos de acordo com as necessidades reais das cooperativas. Entre as solicitações constam a regionalização dos cursos e dos encontros de jovens e mulheres, já realizados em 2014, em Uberlândia, Uberaba, Pouso Alegre, Varginha, Governador Valadares, Ipatinga, Paracatu, Unaí e Belo Horizonte - cidade que sediou, em outubro, o mais recente evento do setor. Os encontros envolveram, no total, 159 jovens e 180 mulheres. “Os participantes (do encontro de Belo Horizonte) elaboraram o Plano Estadual de Desenvolvimento das Cooperativas Mineiras, fonte de informações para a atuação do Sistema Ocemg”, completa Vitória.

IDENTIFICANDO E MELHORANDO

Inicialmente voltada aos produtores de leite, a Cooperativa dos Agricultores de Araxá (Capal) vem ampliando sua atenção aos cafeicultores. Desde 1996 (2001, para lavouras de café), oferece um programa de assistência técnica gerencial contínua, o Educampo, desenvolvido em parceria com o Sebrae-MG. A ideia é a obtenção de resultado a partir da otimização dos recursos e do potencial da propriedade, melhorando a capacidade gerencial do proprietário.

Com foco na melhoria da gestão, a cooperativa fechou contrato por um ano com a Fundação Dom Cabral, instituição de referência em capacitação empresarial. Desenvolvido pela fundação, o programa Parceiros para a Excelência (Paex) consiste em treinamentos setor a setor ministrados por professores, que corrigem rumos e elaboram planos de ação com a equipe. “Estamos adequando e profissionalizando a gestão”, diz o presidente da Capal, Adhemar do Valle Junior.

Outros aspectos positivos são a governança, com 16 comitês educativos dos quais participam, aproximadamente, 500 produtores, e o projeto Jovens Cooperativistas e Empreendedores Rurais, que tem como parceiros o Sistema Ocemg, o Sicoob Crediara, o Sindicato dos Produtores Rurais de Araxá, o Senar-MG e o Sebrae-MG. Formado em 2013 por cooperados ou dependentes com idades entre 15 e 30 anos, o grupo já realizou ações sociais (maratona de doação de sangue, Dia C,



Grupo de projeto Jovens Cooperativistas e Empreendedores Rurais, da Capal, em Araxá (MG): parcerias proporcionam cursos e treinamentos com vistas à profissionalização

Divulgação

Natal Solidário), visitas a cooperativas em outros estados e os cursos de qualificação e capacitação Formação de Lideranças Rurais e Formação de Lideranças Cooperativistas.

A sucessão familiar, a diversificação de atividades na propriedade, a família e o cooperativismo serviram de base para o desenvolvimento das atividades. “Além de incentivar a permanência da juventude no campo, o projeto se volta à formação de novas lideranças, pensando justamente no futuro da gestão da cooperativa”, analisa Valle Junior, que após 20 anos prepara a sua sucessão e tem um dos integrantes do projeto em seu Conselho de Administração.

A Capal também participa, desde 2013, do Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC), ferramenta que, desenvolvida pelo Sistema OCB, avalia a administração e orienta mudanças positivas. O presidente da Capal sinaliza que a Ocemg costuma ser acionada também para promover cursos

de reciclagem para os funcionários. “A Ocemg e a OCB nos representam muito bem”, elogia.

Em Minas Gerais, 203 cooperativas participaram do PDGC em 2014, 48 delas pertencentes ao ramo agropecuário. A equipe de Acompanhamento do Sistema Ocemg realizou, ainda, 112 visitas técnicas do PDGC neste ano, parte para apresentar o programa às cooperativas que ainda não aderiram. Para as que concluíram o preenchimento de um dos ciclos (2013 ou 2014), foi feita a validação das respostas do relatório de autoavaliação e orientada a construção de um plano de melhorias. Ao longo do ano, foram realizados, ainda, com a participação de 226 cooperativas de todos os ramos, oito workshops que promoveram suporte e orientação sobre o programa. ■



RAMO AGROPECUÁRIO

1.561 cooperativas

1 milhão de associados

164 mil empregados

RAMO INFRAESTRUTURA

128 cooperativas

830 mil associados

6.334 empregados





Conheça a trajetória de Maria Henriqueta de Magalhães, advogada que acompanhou de perto a fundação e o crescimento da Unimed no Brasil

Compromisso cooperativista



“

Depois desses anos todos de trabalho, continuo encantada com o meio cooperativo, pelo simples fato de ser um ideal justo. ”

A apaixonada pelo cooperativismo. É assim que se define a advogada paulista Maria Henriqueta de Magalhães. Conhecimento de causa não lhe falta. Assessora de Cooperativismo e Associativismo da Unimed do Brasil, ela vem dedicando boa parte de sua vida ao desenvolvimento de uma série de ações junto às cooperativas. “Depois desses anos todos de trabalho, continuo encantada com o meio cooperativo, pelo simples fato de ser um ideal justo”, resume.

Seu contato com a filosofia cooperativista se deu no início da carreira, quando, recém-formada, ela foi aprovada no concurso para o Instituto de Cooperativismo e Associativismo (ICA) da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Até então, Henriqueta não conhecia os fundamentos da área com a qual, posteriormente, veio a desenvolver profunda identificação. “Nos meus cinco anos de graduação, não tive nenhum tipo de contato com o tema. Imagine o meu espanto quando descobri a existência do cooperativismo. Pensei: ‘Meu Deus, que bicho é esse?’”, diverte-se.

A experiência com os valores disseminados pelo segmento cooperativista foi o que conquistou o coração de Henriqueta, que, no ICA, trabalhou durante 32 anos. “Até hoje trago comigo a regra que vigorava no órgão: ‘Estudem, leiam, pratiquem, escrevam’”, lembra. “O instituto foi maravilhoso para mim, pois sempre me estimulou a estudar. Aproveitei a oportunidade e mergulhei nesse universo. O sucesso do meu trabalho foi meu maior estímulo. A cada conquista, eu me sentia mais motivada, sentia orgulho dos resultados gerados pelo meu trabalho, e isso me estimulava a querer aprender cada vez mais.”

A atuação no ICA possibilitou a Henriqueta ampliar conhecimentos, inclusive fora do país. Nos Estados Unidos e na Alemanha, ela participou de diferentes cursos de especialização. Também atuou, como representante do Brasil, no setor de pesca marítima do projeto de reconstrução da Guatemala. Por meio desses constantes aperfeiçoamentos, progrediu na carreira, tendo ocupado os cargos de chefe de seção, diretora setorial, assessora do diretor-geral e, por fim, diretora-geral do instituto. E, como costuma ocorrer com os profissionais bem-sucedidos, a ascensão não fez com que ela se acomodasse.

Ao contrário: atingido o topo da carreira, Henriqueta resolveu se desligar do emprego. O aprimoramento da vivência cooperativista motivou sua vontade de aproximar-se mais da estrutura do setor. Foi quando ela começou a atuar em cooperativas da região. Como em toda mudança, os primeiros tempos não acenaram com facilidades. “Essa minha nova fase profissional se deu aos trancos, pois tive de vencer minha timidez”, conta.

Iniciada a nova etapa profissional, Henriqueta encarou outro desafio: trabalhar em uma empresa de fundição e produção de filtros industriais, betoneiras para postes e assemelhados. Começou inovando, pois o setor, até então, era predominantemente ocupado por homens. Mais uma vez, ela se destacou a ponto de, em pouco tempo, passar a acionista e diretora administrativa.



Flora Egécia

QUEM É MARIA HENRIQUETA DE MAGALHÃES

Formação

Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade do Largo de São Francisco, São Paulo (SP)

Principais atuações

Setor público

Chefe de seção, diretora setorial, assessora da diretoria-geral e diretora-geral do Instituto de Cooperativismo e Associativismo da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo;
Assessora de gabinete na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo

Setor privado

Acionista e diretora de administração da Exímia S/A - Fundação e produção
Conselheira fiscal da Frutesp S/A
Conselheira fiscal da Usimed do Brasil, sociedade cooperativa dos usuários dos planos de saúde Unimed
Assessora de Cooperativismo e Associativismo da Unimed do Brasil e da Confederação Nacional das Cooperativas Médicas.

O contato com o setor industrial também levou a advogada a novos voos. Foi quando ela deixou a fundição e trabalhou como conselheira fiscal na Frutesp, empresa do interior de São Paulo que produzia e exportava suco concentrado de laranja para mais de 150 países. A experiência a entusiasmou, principalmente porque, durante o tempo em que trabalhou nessa produtora, Henriqueta conseguiu ajudar muitas cooperativas do ramo a crescer. Mas o sonho durou pouco.

“Quando estávamos no auge da produção, os dirigentes nos informaram o desejo de vender a fábrica para uma multinacional”, lembra. “Então, preparamos uma assembleia, e o processo de venda teve início. Quando terminou a assembleia, cheguei ao hotel em que estava hospedada e chorei muito. Foi a maior decepção da minha vida profissional”. Mais uma vez, era chegada a hora de mudar o rumo.

E assim aconteceu. Com os conhecimentos adquiridos em cooperativismo, Henriqueta participou dos primeiros processos que resultariam na fundação da Unimed. Começou tomando parte em discussões institucionais e frequentemente era convidada a ministrar palestras. “Eu nem fazia parte do quadro na Unimed, mas os dirigentes me convocavam para as reuniões mais importantes. Eu não tinha como me negar, eu simplesmente ia”, lembra.

Em 1994, ela recebeu o convite formal para integrar-se ao quadro da Unimed do Brasil, onde se encontra até hoje. A posição que atualmente ocupa na organização, entretanto, não lhe traz a sensação de trabalho realizado. Henriqueta diz que todos os dias aprende algo novo. “Tenho uma riqueza enorme de saberes e devo isso à Unimed e às outras cooperativas para as quais trabalhei”, avalia. “A Unimed é um caldeirão com borbulhas enormes que exige um grande esforço para encontrar soluções, e esse desafio é o que me motiva.”

Ela se orgulha de ter colaborado para o desenvolvimento da Unimed, hoje, líder no mercado de saúde privada no Brasil e responsável por congrega, representar e defender, política e institucionalmente, as 352 cooperativas médicas que formam o Sistema Unimed. Faz questão de lembrar que o espírito de equipe foi fundamental para o sucesso da instituição: “Aqui dentro eu trabalhei com verdadeiros heróis. Convivi com profissionais admiráveis que me ensinaram várias formas de superar as adversidades”.

Assim, pautada em sempre estudar e aprimorar seus conhecimentos, Henriqueta de Magalhães construiu a carreira

no meio cooperativo. “Trabalhar com o cooperativismo me rendeu lições de vida”, destaca. “Vivenciei o fato de que, juntas, as pessoas podem, conseguem fazer. Para tanto é necessário apenas a ideia certa, no momento certo - bem como é essencial a atuação de um bom líder para executar a ideia. Posso afirmar que o cooperativismo precisa sempre de bandeiras e de grandes líderes”, conclui.



Tenho uma riqueza enorme de saberes e devo isso à Unimed e às outras cooperativas para as quais trabalhei. ”

Flora Egécia



UNIMED DO BRASIL

A Unimed é o maior sistema cooperativista de trabalho médico do mundo e também a maior rede de assistência médica do Brasil, presente em 83% do território nacional. O sistema foi fundado em 1967, em Santos (SP), com a inauguração da Unimed Santos pelo médico Edmundo Castilho. Atualmente, a Unimed trabalha com mais de 110 mil médicos, em um total de 107 hospitais próprios e 11 unidades hospitalares credenciadas, além de atuar em pronto-atendimentos, diagnósticos complementares e laboratórios.

Seu sistema cooperativista é composto por estruturas específicas. O setor de Singulares cuida das Unimeds dos municípios, tendo sua atuação regulamentada pela Divisão de Federações, como todas as unidades. Já a Confederação Nacional das Cooperativas dá suporte a todo o Sistema Unimed, atualizando-o permanentemente em ações que reforçam os princípios cooperativistas e a valorização do trabalho médico, com vistas ao fortalecimento da sustentabilidade e da competitividade da instituição. ■



352

Número de cooperativas médicas que compõem a Unimed



20 milhões

Total de clientes atendidos no Brasil



Saudável cooperação



Agricultura orgânica preserva o meio ambiente e garante qualidade de vida para consumidores e produtores

“**N**ão aplicamos nada nas plantas, nem tenho pulverizador. Só usamos preparados biodinâmicos. Isso garante nossa qualidade de vida e saúde. A gente praticamente não fica doente na família.” O relato de Inácio Rohr, da pequena Tupandi (RS), é um exemplo de como vivem os agricultores que aderiram ao cultivo orgânico em

cooperativas que trabalham exclusivamente com essa modalidade. Mais do que o interesse econômico, o sentimento de cuidar de si e do planeta é comum.

Rohr é cooperado da Cooperativa dos Citricultores Orgânicos do Vale do Caí (Ecocitrus), que reúne 97 agricultores daquela região gaúcha em torno da produção de laranja, tangerina e uva. Até a década

de 1990, ele aplicava o modelo convencional, mas a produção começou a minguar e perder qualidade com o uso de adubos químicos, apesar da orientação técnica com base na análise do solo.

A propriedade integra a Rota Sabores e Saberes do Vale do Caí, que promove o turismo rural nos municípios de Montenegro, Bom Princípio, Harmonia, Capela de Santana,

Pareci Novo e Tupandi. Cerca de 700 pessoas - pesquisadores, na maioria - visitam anualmente o local. “Tenho um bom retorno econômico porque o custo para produzir é baixo e a rentabilidade, alta”, conta. “Mas a gente não pode olhar só o lado financeiro. Estamos cuidando da água, do solo, do ar e das pessoas que comem a nossa fruta. Quem vem aqui leva informação, isso para mim é o mais importante. Como cidadão, tenho o compromisso de mostrar esse trabalho.”

O presidente da Ecocitrus, Fabio Esswein, sinaliza que buscar somente o lucro é um erro frequente de quem procura informações na cooperativa: “A produção orgânica envolve todas as dimensões da sociedade. Claro que a questão econômica é importante, mas a sociocultural é mais forte. O produtor muda a maneira de se relacionar com a sociedade ao se perceber fornecendo um alimento de qualidade diferenciada. Na cooperativa, os agricultores encontram suporte e fazem sua parte por um mundo mais justo”.

EXPANSÃO

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há 12 mil unidades de produção agroecológica no país - a meta é chegar a 28 mil em 2015. O site do órgão explica: “A qualidade dos produtos orgânicos no Brasil é garantida de três diferentes maneiras: a Certificação, o Controle Social para Venda Direta sem Certificação e os Sistemas Participativos de Garantia. Juntos, estes três mo-

delos formam o Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SisOrg)”.

Em Brasília, os orgânicos chegam ao consumidor em feirinhas nas quadras residenciais, em alguns supermercados e na Ceasa, onde fica o principal entreposto da Cooperativa dos Produtores do Mercado Orgânico de Brasília (Cooperorg). Há outros dois, menores, em um templo budista e no Jardim Botânico. Abertos às quintas-feiras e sábados, de 6h às 13h, os estandes da Ceasa oferecem, aproximadamente, 200 itens, entre frutas, legumes e verduras produzidos pelos 40 cooperados ou adquiridos em outros estados - pêras, maçãs e melancias, por exemplo, têm origem em São Paulo.

“A gente gostaria de abrir todo dia, mas o sábado é o dia forte do varejo na Ceasa”, explica Luiz Paulo Parga Rodrigues, presidente da cooperativa, que fatura cerca de R\$ 100 mil apenas com as feiras. “Também

planejamos atrair mais produtores. O desafio é fazê-los entender o processo de funcionamento da cooperativa e promover mais treinamento e desenvolvimento.”

Aos sábados, Mônica Mohamed empunha suas *ecobags* pelo pequeno galpão, onde adquire ovos, alface americana e tomates enquanto empurra o carrinho do filho de cinco meses. Ela conheceu o lugar por meio da prima Catiane Staelben, que há quatro anos chega cedinho ao Mercado Orgânico. “Eu me organizo para comprar de acordo com o que vou preparar ao longo da semana. Sou do tipo da pessoa para quem, se o produto não for orgânico, não serve”, afirma.

CACAU DA AMAZÔNIA

Muitas indústrias já se adequaram à tendência do consumidor exigente e buscam nos orgânicos seus insumos. No Pará, a recém-criada Central de Cooperativas de Produ-

Fotos: Flora Egécia





Eu me organizo para comprar de acordo com o que vou preparar ao longo da semana.”

MÔNICA MOHAMED

Flora Egécia



Mônica Mohamed (E) com sua prima, Catiane Staelben (D), foi quem a apresentou ao Mercado Orgânico

ção de Orgânicos da Transamazônica e do Xingu (Cepotx) é resultado da união de seis cooperativas que atuam em oito municípios e, desde 2008, comercializam amêndoas de cacau. Os principais clientes são uma indústria brasileira de cosméticos e uma fabricante austríaca de chocolates de luxo.

A constituição dessa cooperativa central é um desdobramento do Programa de Produção Orgânica da Amazônia e Xingu, que teve início em 2005 e hoje envolve cerca de 150 famílias nos municípios paraenses de Altamira, Anapu, Uruará, Medicilândia, Pacajá, Placas, Vitória do Xingu e Brasil Novo. O programa é conduzido pela organização não governamental Fundação Viver, Produzir e Preservar (FVPP), com apoio da GTZ (sigla da Agência Alemã de Cooperação Técnica) e da Comissão Executiva do Plano da

Lavoura Cacaueira (Ceplac). A cooperativa atua com base em princípios como certificação orgânica e comércio justo, promoção da qualidade, desenvolvimento do cooperativismo e agricultura familiar, entre outros.

Na região desde 1975, o catariense Darcirio Vronske, da Cooperativa dos Produtores Orgânicos da Amazônia (Copoam), preside a central, sediada em Altamira. “O aroma e a qualidade do cacau da Amazônia estão entre os melhores do mundo”, exalta. “Vamos fortalecer as cooperativas singulares e seus agricultores, sempre atentos às questões ambientais, sociais, trabalhistas e agregando valor aos produtos da agricultura familiar com políticas de mercado justo.”

Assim como a Copoam, a Cooperativa dos Produtores Orgânicos de Perpétuo Socorro (Copops),

de Uruará (PA), detém a certificação *Fairtrade* (comércio justo), que, concedida pela Fairtrade Labelling Organizations (FLO), sociedade comercial sem fins lucrativos, tem como meta garantir a equidade no comércio internacional. A iniciativa congrega responsabilidade social, sustentabilidade e competitividade para pequenos e médios produtores. “Para uma cooperativa, é complexo atender a todos os requisitos do mercado. A central vai viabilizar a parte comercial e burocrática”, informa Raimundo Silva, coordenador administrativo da Copops.

Silva lembra que muitos produtores orgânicos atuaram no passado em madeiras ilegais e buscaram no cultivo de cacau orgânico um meio digno de sobrevivência. “O orgânico valoriza o produto do ponto de vista social, ambiental e econômico”, avalia o filho de ma-

ranhenses. “Nasci aqui, sou orgânico de natureza”, brinca ele, que luta pelo fortalecimento do cooperativismo na região.

Vronske, que produz o próprio adubo com função repelente a partir de cinzas, folhas e esterco, busca transmitir o que aprendeu. “Não temos reciclagem, por isso cuidamos para o lixo não ir para a água, separamos vidros e plásticos. Mas é um processo lento conscientizar as famílias”, desabafa. Para o catarinense, é uma satisfação compartilhar conhecimento. “Não tenho palavras para agradecer a experiência com os mais carentes, ensinar a metodologia do cultivo orgânico. Quando cheguei aqui, não havia nem uma bicicleta, era só aquela terra roxa, o cheiro de mato. O que tenho hoje compensa o sacrifício”, comemora.

A milhares de quilômetros de Vronske, o citricultor Rohr é só alegria: “Se pudesse, levava a sa-

tisfação que sinto a todos os pequenos agricultores familiares do mundo. Mostraria como estamos felizes com os resultados ambientais, econômicos e de saúde. A natureza tem toda a capacidade para produzir, a gente só precisa saber observar e ajudar. Quero deixar o melhor para quem vem depois. Isso vale muito mais que o dinheiro”.

CRÔNICA CEASA DF - GÔNDOLAS DE SAÚDE

Presença quase infalível nos sábados da Ceasa, Massae Watanabe cumprimenta a freguesia, arruma a mesa com garrafas de café e chá, ajeita produtos na gôndola e sorri, timidamente. A chuva fina em Brasília não afugenta senhores e senhoras de cabelos brancos, jovens famílias, homens e mulheres de idades variadas que acordam cedo e enchem suas *ecobags* de

produtos frescos no galpão da Cooperativa dos Produtores do Mercado Orgânico de Brasília (Cooperorg), na Ceasa.

Alguns chegam antes de o local abrir, às 6h. Às 8h, dizem, o movimento está calmo. Isso porque cada uma das três filas do caixa tem menos de três pessoas. Quem tem tempo bate papo e saboreia uma geleia de tomate orgânico com torradas. Massae dá atenção a todos, sem perder de vista o movimento. Filha de japoneses que chegaram ao Distrito Federal em 1958 para formar o cinturão verde da nova capital, ela administra uma chácara em Taguatinga que produz ovos, alho, nabo, inhame e rabanete. “É uma atividade de risco”, diz. “Chuva, seca e pragas são incertezas da colheita, principalmente para quem trabalha com orgânicos. Mas é um compromisso social, e na cooperativa damos a nossa contribuição.” ■



VEJA MAIS NA
REVISTA DIGITAL



Flora Egécia



É um compromisso social, e na cooperativa damos a nossa contribuição. ”

MASSAE WATANABE TRAZ A PRODUÇÃO DE SUA CHÁCARA, EM TAGUATINGA



Países de língua portuguesa debatem o cooperativismo

Integrantes da OCPLP se reuniram em Brasília para a assembleia geral da entidade e elogiaram evolução do movimento cooperativista no Brasil

Flora Egécia





Reconhecemos no Brasil a vanguarda do cooperativismo, tanto em termos organizacionais quanto em termos econômicos e da articulação com o poder político na sensibilização para as especificidades do setor cooperativo. ”

ALDINA FERNANDES,
da Confagri (Portugal)



Representantes de cinco dos oito países associados à Organização das Cooperativas dos Povos de Língua Portuguesa (OCPLP), incluindo o Brasil, estiveram em Brasília na segunda semana de outubro para participar da assembleia geral da entidade. Compareceram membros da Confederação das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias de Angola (Unaca), da Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas e de Crédito Agrícola de Portugal (Confragri), do Governo da Guiné Bissau, do Governo de Timor Leste e da Cooperativa Antônio Sérgio para a Economia Social (Cases) e de Portugal.

No primeiro dia de visita, pela manhã, os representantes da organização foram conhecer a Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal (Coopa-DF), uma das mais antigas do DF, com 35 anos de história e 120 associados. Entre seus principais produtos, estão farinha de trigo, farelo de trigo especial, mistura para pão francês e farinha integral. Lá, foram recebidos pelo presidente Leomar Cenci e pelo engenheiro agrônomo e sócio da cooperativa Claudio Malinski, que falou sobre a instituição e levou o grupo para conhecer o armazém de grãos.

Em seguida, os integrantes da OCPLP visitaram a OCB. Na sede da instituição, foram saudados pelo presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, que também preside a OCPLP: “É uma satisfação recebê-los aqui, uma alegria. A vinda de vocês é uma honra”. Em seguida, orientados pelo analista de Relações Institucionais Eduardo Queiroz, participaram do programa Portas Abertas.

O ramo crédito, de imediato, despertou grande interesse da delegação. O presidente do Sistema OCB falou sobre o assunto: “Hoje, as cooperativas têm condições de oferecer praticamente todos os serviços bancários e financeiros, muito mais do que crédito. E estão cumprindo todas as exigências legais, globais. Então, são instituições financeiras completas”.

Freitas falou, ainda, sobre o Sistema OCB: “É um momento ímpar. Em 2012, o Ano Internacional das Cooperativas, nós tivemos uma decisão de mudança no modelo da governança. Era um momento também de fazermos uma revisão do nosso plano estratégico, já com uma visão de mais longo prazo, e não de cinco anos, e também mais sistêmica”.

Na sequência, Eduardo Queiroz abordou o papel e a missão da OCB, como as atribuições de fortalecer, fomentar e apoiar políticas públicas voltadas para a consolidação do cooperativismo brasileiro. “Também atuamos para rejeitar no Congresso Nacional, por exemplo, propostas contrárias ao desenvolvimento do cooperativismo”, destacou. Os temas a seguir foram os desafios da Década do Cooperativismo, o plano de ação até 2020 e as estratégias da OCB na busca pela superação desses desafios a partir



de um novo modelo de governança, com o objetivo de tornar o cooperativismo reconhecido em referências de competitividade, integridade e competência de promover a felicidade dos cooperados.

INTERAÇÃO

A assembleia geral foi realizada no segundo dia, quando o presidente do Sistema OCB falou sobre a importância de uma aproximação maior com as embaixadas dos países integrantes da OCPLP. O evento foi presidido por Aldina Fernandes, da Confagri, de Portugal. Ela ressaltou a organização intensa e produtiva da vinda ao Brasil: “Está sendo uma experiência enriquecedora para mim, pessoalmente, e creio que ocorra o mesmo com os outros membros da OCPLP”.

Primeiramente, foi aprovada a ata da assembleia anterior, ocorrida em Lisboa. Em seguida, foram discutidos temas diversos, como aspectos organizativos, legislativos e intercooperativos; relatório da direção sobre as atividades desenvolvidas e relatório de execução de 2014. Por fim, foi apresentado o plano de atividades com o orçamento para 2015.

Cada representante internacional teve a oportunidade de narrar, brevemente, o andamento do movimento cooperativista em seu país. Albano da Silva Lussati, da Unaca, propôs à OCPLP que a formação de quadro de pessoal seja colocada como uma das prioridades em Angola e nos demais países africanos que atravessam dificuldades no setor. “Mas estamos em um bom caminho já”, avaliou. Já Rogério Manuel



Dias Cação, da Confecoop, relatou que, em Portugal, são necessárias alterações do código cooperativista, que é de 1996 e, segundo ele, “não se adequa mais à atualidade”.

Ao final, Márcio Lopes de Freitas falou sobre a importância da organização e dos encontros para o desenvolvimento do cooperativismo em um bloco de países com realidade bem distinta: “A OCPLP é fundamental para que a gente possa, primeiro, reforçar a base cooperativista em todos esses países, que têm diferentes graus de evolução, de desenvolvimento. É uma oportunidade de alinharmos um pouco as ideias, reafirmar compromissos, mesmo que a passos lentos, a caminho desse processo de homogeneização do desenvolvimento cooperativista em todos os oito países membros da OCPLP”.

PARCERIA

Uma das principais decisões tomadas durante a reunião foi o esta-



A OCPLP é fundamental para que a gente possa, primeiro, reforçar a base cooperativista em todos esses países, que têm diferentes graus de evolução, de desenvolvimento. ”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS (C), presidente do Sistema OCB, durante encontro com a delegação



Flora Egécia

belecimento de uma parceria com a Embrapa Hortaliças para a criação de um curso técnico sobre horticultura, com a participação de um representante de cada país componente da OCPLP. Os temas são agricultura orgânica e sistemas de produção; manejo agroecológico do solo; adubação verde e plantas de usos múltiplos; compostagem e adubação orgânica; biofertilizantes, irrigação, controle de doenças e qualidade pós-colheita.

Muminatu Sani, da Direção Geral da Secretaria de Estado dos Combatentes da Liberdade da Pátria, da Guiné Bissau, mostrou boa expectativa com relação aos benefícios que a parceria trará: “Esse curso será muito importante para nós, que temos dificuldades até mesmo de conseguir sementes”. Sobre o assunto, Márcio de Freitas apresentou a possibilidade de ajudar os parceiros daquele país com a doação de sementes.

Outros temas apresentados foram a continuidade dos projetos de

intercooperação já em andamento e o planejamento para os cursos de capacitação do próximo biênio, seguindo a tendência de focar ramos específicos a cada ano – a exemplo de 2014, quando o ramo agropecuário esteve em pauta. Para 2015, o foco será o ramo crédito. E algumas parcerias já foram firmadas para que Moçambique receba, na primeira semana de maio, por ocasião do Dia Internacional da Lusofonia, um curso de formação em cooperativismo de crédito.

E existe uma programação para 2016, quando serão promovidos os ramos mineral, trabalho, saúde e educacional. As atividades de capacitação deverão ser realizadas em Angola. Foi a segunda vez que a assembleia geral teve o Brasil como sede. Em 2010, o grupo se reuniu em Porto Alegre (RS).

As delegações visitaram o Departamento Nacional de Cooperativismo e Associativismo Rural do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, além de se encontrarem com membros da Frente Parlamentar do Cooperativismo, no Congresso Nacional, e com embaixadores, no Palácio do Itamaraty. A oportunidade foi elogiada por Aldina Fernandes, da Confagri: “Estas visitas são para nós, enquanto cooperativas portuguesas, muito estimulantes, porque reconhecemos no Brasil a vanguarda do cooperativismo, tanto em termos organizacionais quanto em termos econômicos e da formação e da articulação com o poder político na sensibilização para as especificidades do setor cooperativo”.

POR DENTRO DA OCPLP

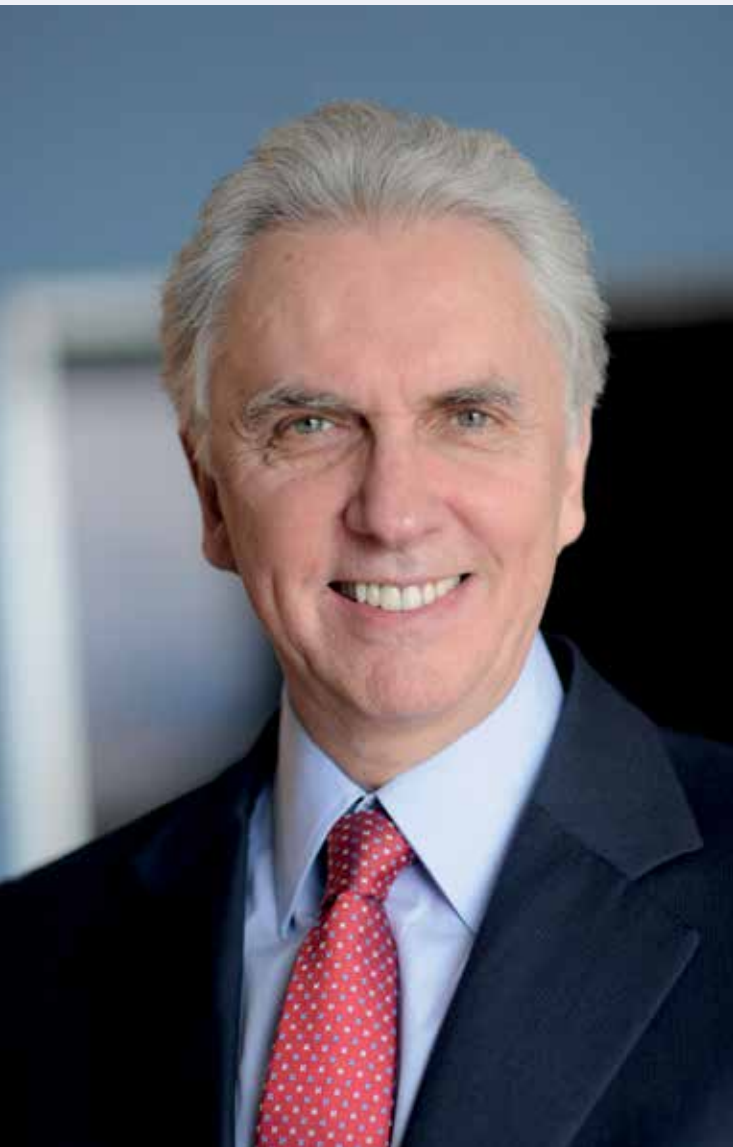
A OCPLP funciona desde 1991, mas sua formalização jurídica foi em julho de 1997. É uma associação portuguesa internacional de direito que tem como objetivos fundamentais a difusão do cooperativismo e a intercooperação das cooperativas lusófonas. Ao todo, 33 organizações de oito países lusófonos integram a entidade, representando mais de 15 mil cooperativas e 20 milhões de cooperados em quatro continentes.

Fazem parte Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O objetivo, entre outros aspectos, é capacitar lideranças cooperativistas para o desenvolvimento social e econômico dos cooperados.

Entre as linhas de atuação, está a cooperação para o aprimoramento das legislações nos oito países. A organização estimula a troca de experiências e a colaboração para que as legislações sejam espelhadas de forma a oferecer um ambiente seguro para o desenvolvimento do cooperativismo. ■



Inteligência e comunicação



Divulgação

Vão longe os tempos em que inteligência significava ter um pensamento lógico, conforme sugeriam os testes de QI. O mundo atual mostra que a inteligência está muito além da questão da lógica, aproximando-se mais do conceito da psicologia, que a vê como “capacidade de converter fenômenos abstratos”. Antes de existirem, um livro, um carro ou uma empresa eram abstratos. Alguém teve a ideia e conseguiu dar concretude a isso tudo.

Outro conceito importante vem da pedagogia, que enumera quatro características fundamentais da inteligência: percepção, compreensão, aprendizado e adaptação. Tudo começa com a percepção, que, variável de uma pessoa para outra, tem mão dupla. Não se trata de apenas perceber o que está acontecendo, mas de se tornar perceptível, fazer os outros conhecerem suas ideias.

A compreensão é ligada diretamente ao aprendizado e à adaptação. Ao compreender alguma coisa e aprender algo novo, é vital uma pessoa se permitir adaptar-se a essa realidade. Darwin prova que, na luta pela sobrevivência, vence a espécie que tem maior capacidade de adaptação, de conviver com as mudanças que o meio ambiente sofre.

É um conceito cem por cento darwiniano que orienta, hoje, as empresas. Uma empresa, de certa forma, é um organismo vivo inserido no ecossistema - o mercado -, que tem clientes, fornecedores, concorrentes, novas ciências, tecnologias e métodos de gestão sendo desenvolvidos etc. Atualmente, o que mais temos na realidade social é mudança. Existem empresas que há cinco anos estavam mui-

to bem, e de repente faliram. Ocorre que, em cinco anos, a realidade muda, e é preciso acompanhar as transformações. Inteligência, afinal, não se resume a ter capacidade mental: a pessoa tem que gerar a partir de seu pensamento.

Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, classifica a inteligência em sete tipos: lógico-matemática, linguística, corporal sinestésica, espacial, musical, interpessoal e intrapessoal. Todos nós temos capacidade de aprendê-las.

A inteligência lógico-matemática revela a capacidade de lidar com números. A linguística caracteriza as pessoas que sabem utilizar palavras, construir frases, expressar pensamentos. Já a inteligência corporal sinestésica é aquela própria dos atletas e bailarinos, cujo corpo tem a capacidade de obedecer aos comandos da mente.

A inteligência espacial permite à pessoa ter a noção exata do lugar onde se encontra, sem precisar de uma bússola. A inteligência musical, por sua vez, distingue a capacidade de elaborar e interpretar sons a partir de uma audição afinada. E, por último, temos a inteligência interpessoal - que permite a relação de uma pessoa com outra - e a intrapessoal - a do autoconhecimento, algo que precisamos constantemente exercitar.

No mercado de trabalho, a inteligência interpessoal e a intrapessoal são muito valorizadas. Há 15 anos, um gerente de banco seria contratado por sua inteligência lógico-matemática. Hoje, saber fazer cálculos de juros de cabeça não é o que interessa a esse perfil. O melhor geren-

te será aquele de relacionamento, que olha nos olhos do cliente, quer saber se está bem e o que pode fazer por ele, por sua empresa, por seus projetos. Essa é a inteligência interpessoal.

A inteligência está, portanto, intimamente relacionada à capacidade de comunicação. Há cinco condições que permitem a uma pessoa ter inteligência: neurônios (as células nervosas), sinapses (transmissão de informações), oxigênio, energia e estímulos ambientais. E existe muita semelhança entre a inteligência de uma pessoa e a de uma organização. Numa empresa, os neurônios são as pessoas - que devem ser saudáveis em todos os sentidos. Mas um neurônio não atua sozinho, por isso precisamos das sinapses - que são as relações, a comunicação, grande responsável pelo aumento da inteligência na organização. Já o oxigênio, no âmbito empresarial, chama-se informação e passa pela sinapse, pela comunicação e pela relação. Energia é a motivação, e os estímulos externos são os desafios do dia. Evidentemente, as empresas precisam ter pessoas que gostem de desafios.

A comunicação, enfim, se faz presente em todo fio condutor da inteligência. A chamada inteligência comunicacional está nas inteligências interpessoal e linguística. E uma boa comunicação vai depender de três fatores: informação com significado, simplificação e prazer sensorial.

O primeiro fator consiste em informar de maneira que a pessoa perceba a importância da informação. A simplificação, segunda característica, também é fundamental.

Há pessoas que, quando vão explicar, parecem que tentam complicar. É dessa forma que muita gente vê os filósofos, mas nem todos são assim.

A terceira característica da boa comunicação, por fim, é o prazer sensorial. É o que você percebe diante de uma leitura agradável, como as crônicas de Rubens Fonseca e Mário Quintana, os textos de Luis Fernando Verissimo, os escritos de Carlos Drummond de Andrade. Cada um tem seu colunista preferido. E, se pensarmos bem, vamos ver que não lemos os jornais por causa das notícias - que podem ser vistas mais rapidamente na televisão e na internet. O que interessa é a interpretação da notícia - uma informação extremamente qualificada, já analisada, já simplificada, que nos faz experimentar, então, o prazer sensorial.

Eis o que cabe a um bom comunicador: usar um filtro qualitativo de informações. É importante sabermos de tudo que está acontecendo, mas, ao mesmo tempo, somos bombardeados por um volume absurdo de informações, algo que ocorre nos últimos 30 anos, quando o mundo começou a ficar hipermediático. Nós não somos biologicamente preparados para receber uma carga de informação tão grande, daí a necessidade do filtro. É onde entra, enfim, a inteligência da comunicação. ■

** Este artigo é uma transcrição da palestra feita por Eugenio Mussak durante o 10º Encontro dos Assesores de Comunicação das Cooperativas, em Florianópolis.*



Guilherme Karstel

EM MATO GROSSO

Em Cuiabá, representantes de 19 cooperativas se reuniram durante o Fórum do Ramo Transporte, realizado na última semana de novembro pelo Sistema OCB/MT. Também participaram sete cooperativas de outros estados. O evento foi aberto com uma apresentação de Abel Moreira Paré, representante nacional do ramo, que falou sobre a recém-criada Central de Cooperativa dos Transportadores. Entre os temas debatidos, destacou-se uma palestra de João Gogola Neto, coordenador de Desenvolvimento Cooperativo do Sistema Ocepar, sobre considerações da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT).

COOPERATIVA DO ANO

Aproximadamente 300 pessoas participaram da cerimônia de entrega dos troféus do 9º Prêmio Cooperativa do Ano (foto), evento realizado pelo Sistema OCB que teve como patrocinadores Bancoob, Brasicredi, Seguros Unimed e Banco do Brasil. Participaram 185 cooperativas de 21 estados e 10 ramos, inscrevendo um total de 273 projetos, dos quais 21 chegaram à finalíssima. “Estamos muito satisfeitos com esse resultado, que, para nós, é um sinal claro de que as cooperativas compreendem que nosso objetivo é reconhecer e valorizar as iniciativas de sucesso e divulgar o cooperativismo”, declarou o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. As categorias premiadas foram Atendimento, Benefício, Comunicação e Difusão do Cooperativismo, Cooperativa Cidadã, Desenvolvimento Sustentável, Fidelização e Inovação e Tecnologia. A Saber Cooperar lançou uma edição especial sobre o evento.

Errata: Ao contrário do que foi divulgado na publicação, a cooperativa Sicredi Vale do Piquiri ABCD, vencedora da categoria Comunicação e Difusão do Cooperativismo, conseguiu atingir cerca de 30% da população local com idade entre 16 e 25 anos após cinco meses de lançamento do projeto Associados Jovens Sicredi.

NA BAHIA

Salvador foi sede da quinta edição do Encontro de Alinhamento Estratégico, realizado pelo Sistema Oceb. Diretores, conselheiros, funcionários, assessores e demais integrantes da organização puderam discutir temas atuais, como a busca do alinhamento para a execução sistêmica das atividades do setor. O superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile, fez uma apresentação sobre o Planejamento Estratégico do Sistema para o período 2015-2020. “É muito importante estarmos em contato direto com a nossa base, especialmente porque eles contribuem muito com o nosso trabalho, na medida em que apontam suas necessidades e até soluções”, declarou Nobile, na ocasião.

INTERAÇÃO

Alunos do MBA de Gestão em Cooperativismo do Sescop/AC participaram de uma jornada interativa no Rio Grande do Sul. A programação teve início na capital gaúcha, Porto Alegre, de onde os cooperados acreanos partiram para conhecer cooperativas que são referência em modelos de boas práticas de gestão. O presidente do Sistema Ocergs, Vergílio Perius, fez palestra para o grupo sobre os avanços e desafios do sistema cooperativista gaúcho. Em Nova Petrópolis, os estudantes visitaram a Cooperativa Piá, responsável pelo fomento da bacia leiteira de 85 municípios, e a Sicredi Pioneira, que tem mais de 110 anos de atuação. Em Bento Gonçalves, conheceram a Cooperativa Vinícola Aurora.

OS MELHORES

Em Vila Velha (ES), o Prêmio Conilon Especial, realizado em novembro, teve como destaques deste ano os cafeicultores ligados à Cooperativa Agropecuária de Vitória (Coopeavi). Entre os premiados, 80% são associados à Coopeavi, incluídos os respectivos vencedores das categorias Natural e Cereja Descascado - João Delpupo, de Afonso Cláudio, e Mariceia Aparecida Bleirdson, de Cachoeiro de Itapemirim. Participaram da seleção 398 cooperativas de 30 municípios capixabas, metade delas produtoras de café do tipo conilon. Foram apresentadas 278 amostras na categoria Natural e 120 na Cereja Descascado. “Estamos na vanguarda da cafeicultura mundial”, comemorou o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande. “Temos tecnologias e produtores que estão empenhados em ter maior produção e melhor qualidade a cada dia.”



MÉRITO LEGISLATIVO

O presidente do Sistema Ocemg, Ronaldo Scucato (na foto, ao lado do deputado mineiro Domingos Sávio), foi agraciado com a Medalha Mérito Legislativo. A cerimônia, no Congresso Nacional de Brasília, foi realizada durante sessão especial no Salão Negro, um dia após o Prêmio Cooperativa do Ano. Ao evento compareceram vários representantes do Sistema OCB. “Esta é uma homenagem mais institucional do que pessoal”, avaliou Scucato. “Para o cooperativismo brasileiro, é o sinal de que o Poder Legislativo reconhece os nossos esforços em trabalhar pela família cooperada, e isso nos dá visibilidade.”



Mulheres e alfaiates

Quando presidente da Aliança Cooperativa Internacional, fiz um amplo movimento global para que todas as cooperativas tivessem pelo menos uma mulher em seu conselho de administração, mas havia muita resistência: poucas cooperativas tinham comitês femininos e o argumento era sempre o mesmo: “Elas não estão preparadas para isso, nem seriam eleitas”... E, como não participavam, não se preparariam jamais.

Com essa ideia, certa vez fui a Benin, país africano pouco abaixo da curva da África atlântica, onde deveria estar encaixado nosso Nordeste antes da divisão dos continentes. Benin foi um dos países que mais escravos mandaram ao Brasil. Tanto é que o porto de onde eles eram embarcados nos navios negreiros se chama Porto Novo, assim mesmo, em português, embora a colonização tenha sido francesa, razão de a capital se chamar Cotonou.

Depois da abolição da escravidão, milhares de escravos libertos

foram devolvidos a Benin e levaram o sobrenome das famílias às quais serviram aqui. Encontrei muitos Silvas, Rodrigues, Almeidas, Moraes e outros sobrenomes comuns entre nós.

Pois fiquei sabendo que numa cidade do interior chamada Abomey, distante da capital, havia uma grande cooperativa só de mulheres artesãs chamada As Amazonas, e quis conhecê-la. E fui, com forte comitiva de gente do governo e líderes africanos de outros países. Algum dia contarei a aventura inteira dessa viagem, mas desta vez ficarei no seguinte fato: depois de festividades sem fim, com bastante dança e cantoria na praça de chão batido, fui conhecer o precário museu da cidadezinha. E lá encontrei uma senhora viúva, altíssima, responsável pela guarda do local, com dois filhos na faixa de 18 anos mais ou menos, que tinham o sobrenome Rodrigues. Logo fizemos amizade e os três só me chamavam de *cousin*, que quer dizer primo em francês. Assim que acabou a visita, o mais velho me pediu 500 dólares

para fazer um curso de corte e costura na capital. Era muito dinheiro, mas meu vice-presidente africano, um amigo senegalês, me assoprou que aquilo era muito importante e, afinal, como eles me consideravam o primo rico, precisava muito mesmo dar o dinheiro. Foi o que fiz.

Durante uns três anos o menino me mandou cartas manuscritas contando seu progresso na escola, mas depois de algum tempo parou de escrever.

Pois bem, no ano passado, o canal de TV Globo News fez uma série de reportagens sobre diferentes países africanos. Certo domingo, estava em casa assistindo ao futebol quando uma amiga me ligou gritando para ligar naquele canal. E lá estava o menino, agora homem feito, mostrando sua alfaiataria em Cotonou, onde fazia sucesso. E declarou ao repórter que tinha conseguido o diploma porque seu primo brasileiro, “um certo Roberto Rodrigues”, havia financiado o curso.

Cooperativismo também tem dessas coisas... ■



Cuidado que se traduz em sorrisos

O Sistema OCB trabalha para conquistar as melhores oportunidades de crescimento que gerem um ambiente de confiança e de reconhecimento dos ramos. Afinal, o cooperativismo valoriza as pessoas e as comunidades onde atua - com eficiência para ir cada vez mais longe e alcançar excelentes resultados.

www.brasilcooperativo.coop.br

Um retrato das cooperativas educacionais e de consumo. Onde elas estão presentes e de que forma atuam. Quais as suas particularidades e principais desafios. Essas e outras informações, você encontra em publicações especiais lançadas pelo Sistema OCB.



Acesse pelo Portal Brasil Cooperativo ou pelos QR Codes e conheça os diagnósticos dos ramos consumo e educacional.